

**CRISTO
NAS
OFERTAS LEVÍTICAS**

por

John R. Caldwell

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs - Editora Ltda.**

CRISTO NAS OFERTAS LEVÍTICAS

John R. Caldwell

Tradução: Rafael Diniz Jané

Revisão: Damaris de Almeida Jané

Capa: Anniarison Roberto

1ª edição brasileira: maio de 2007

ISBN: 978-85-7558-061-5

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a devida permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

AS CINCO OFERTAS DA LEI:

*** HOLOCAUSTO**

*** OFERTA DE MANJARES**

*** OFERTA PACÍFICA**

*** OFERTA PELO PECADO**

*** OFERTA PELA CULPA**

REPRESENTAM ASPECTOS DIFERENTES

DA ÚNICA OFERTA DO

SENHOR JESUS CRISTO

ÍNDICE

Cristo nas ofertas levíticas

Cristo, a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa

Cristo, o holocausto

Cristo, a oferta pacífica

Cristo, a oferta de manjares

CRISTO

NAS OFERTAS LEVÍTICAS

Seria bom começarmos com algumas observações gerais sobre estas ofertas. Eram em número de cinco: o “holocausto”, a “oferta de manjares”, a “oferta pacífica”, a “oferta pelo pecado” e a “oferta pela culpa”.

Cada uma delas representa um aspecto diferente da única oferta feita pelo Senhor Jesus Cristo, a Oferta principal, da qual todas as outras eram apenas sombras.

Em Levítico, elas são mencionadas na ordem apresentada acima. Mas, quando são dadas instruções sobre como elas deviam ser apresentadas, encontramos uma ordem diferente e a oferta pelo pecado vem primeiro.

Como exemplo disto, veja a lei sobre a cura do leproso (Levítico 14.12,19,20), as ordenanças sobre o Dia da Expição (Levítico 16.11,15,24) e a purificação da Casa do Senhor, nos dias de Ezequias (2º Crônicas 29.21,23,27).

O aspecto da obra de Cristo tipificado pelo holocausto seria para sempre, aos olhos de Deus, o mais elevado, aquele em que Ele mais se alegrava em contemplar. Mas, partindo da esfera humana, o aspecto mais importante é o representado pela oferta pelo pecado ou pela culpa, por isso feita necessariamente antes das outras, já que não pode haver nenhuma comunhão entre Deus e o homem sem que a questão do pecado seja primeiramente tratada.

A mancha do pecado é uma barreira insuperável ao acesso a Deus. Até ser removida, de acordo com a justiça divina, o pecador deve permanecer afastado. Posteriormente, enquanto as ofertas pelo pecado vinham em primeiro lugar na ordem de apresentação, os holocaustos eram muito mais numerosos.

Havia diferentes categorias de ofertas de animais em cada um dos tipos de oferta já apresentados, como o novilho, o cordeiro ou os dois pombos. Isto não pode representar diferentes valores atribuídos por Deus ao sacrifício de Cristo, pois para Deus ele trouxe e sempre trará uma satisfação infinita.

Também não podem representar diferentes graus de justificação ou de perdão, nem de paz recebida pelo sangue da Sua cruz, nem de aceitação no Amado. Aquele que trouxe os dois pombos para um

holocausto era tão aceito quanto aquele que trouxe o cordeiro e aquele que trouxe um cabrito como oferta pelo pecado foi tão perfeitamente perdoado quanto aquele que trouxe o novilho.

As diferentes ofertas representam, antes, diferentes graus de temor do crente e, conseqüentemente, diferentes valores atribuídos ao sacrifício de Cristo no coração dos filhos de Deus.

Alguns estimam a Pessoa e a Obra de Cristo mais do que outros e, assim, alguns O exaltam e se devotam a Ele mais intensamente do que outros. Alguns avaliam sua necessidade e culpa de maneira menos sincera e real do que outros – como na parábola dos dois devedores, um devendo cinquenta denários e o outro quinhentos. Alguns, como Paulo, enxergam-se a si mesmos como o maior dos pecadores. A estes, Cristo é como o novilho; eles O estimam em extremo, O amam em extremo, porque tiveram uma grande dívida perdoada. Em outros, o senso de pecado e de condenação é menor e a sua fé é mais fraca, seu amor e sua devoção por Ele também são menores.

A intensidade da fé pode diferir, mas todos os que creem no Senhor Jesus Cristo recebem em si mesmos, por Deus, o valor pleno da oferta do Filho, não como *eles* a avaliam, mas como o próprio Deus a enxerga. Portanto, quando a questão é a expiação – simbolizada pelo meio siclo, pago por cada pessoa – todas as “questões de graus” são excluídas. “*O rico não dará mais, nem o pobre dará menos*” (Êxodo 30.15).

Como todas as ofertas simbolizavam Cristo, deviam ter uma característica em comum. “*Deve ser sem defeito para ser aceitável*” (Levítico 22.21). De cada uma das ofertas é dito que deveria ser “*sem mancha*”. “*Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis como prata ou ouro,... mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo*” (1ª Pedro 1.18,19).

É um exercício bom e proveitoso para nossas almas considerá-lo como o “**Imaculado**”. Ele obteve testemunho do próprio Pai de ser assim, por ocasião do Seu batismo: “*Tu és Meu Filho amado, em Ti Me comprazo*” (Lucas 4.22) e também na Sua transfiguração, com os mesmos termos (Mateus 17.5).

Pilatos testificou: “*Eu não acho nele crime algum*” (Lucas 23.14; João 19.6) e de maneira vã declarou: “*Estou inocente do sangue deste justo*” (Mateus 27.24). Sua mulher lhe enviou uma mensagem dizendo: “*Não te envolvas com este justo*” (Mateus 27.19). O centurião, que viu toda a Sua crucificação, depois declarou: “*Verdadeiramente, este homem era justo*” (Lucas 23.47). Judas, em seu desespero, exclamou: “*Traí sangue inocente*” (Mateus 27.4) e o malfeitor crucificado ao Seu lado também pôde testemunhar: “*Este nenhum mal fez*” (Lucas 23.41). Até mesmo um demônio, cheio de medo, clamou: “*Bem sei quem és, o Santo de Deus*” (Marcos 1.24).

Desta forma, por Deus e pelos homens, por amigos e por inimigos, por céus, por terra e pelo inferno, Ele foi declarado como Aquele que não tinha pecado, o Imaculado.

A oferta pelo pecado e a oferta pela culpa diferem das outras ofertas a este respeito, pois, com uma exceção (veja Levítico 4.31), elas não são descritas como “*aroma agradável*”. Existem duas palavras em hebraico que se traduzem “queimado”. Uma delas significa “queimar como incenso”, isto é, fazer com que sua fragrância suba. Esta é a palavra usada ao longo dos três primeiros capítulos de Levítico. A outra palavra tem o sentido de “consumir” e é usada em qualquer lugar onde se fale de algo sendo queimado fora do arraial, como se debaixo da ira.

A primeira palavra é usada quando se menciona a gordura da oferta pelo pecado, que era queimada sobre o altar, enquanto que a segunda palavra era usada para o corpo do animal, consumido fora do acampamento.

Desta maneira, aprendemos que nossa grande Oferta pelo pecado, Aquele que “*foi feito pecado por nós*”, que carregou os nossos pecados e que foi desamparado por Deus sobre a cruz – consumido pela ardente ira de Deus – era, em Sua bendita Pessoa, ao mesmo tempo, infinitamente santo e infinitamente aceitável diante de Deus. A oferta pelo pecado era coisa “*santíssima*” e isto é repetido por duas vezes (Levítico 6.25-29), como que querendo impedir o pensamento de que o pecado se ligasse a ela por alguma outra maneira a não ser pela imputação.

Enquanto o corpo do animal estava sendo consumido pelo fogo do juízo fora do acampamento, a gordura deste estava ascendendo em fragrância sobre o altar. Assim também com Jesus Cristo na cruz. Em nenhuma outra ocasião a Sua Pessoa foi tão aceitável diante de Deus como no momento em que a ira de Deus caiu sobre Ele.

A oferta pelo pecado e a oferta pela culpa, enquanto idênticas em muitos aspectos, diferem quanto ao seu propósito.

A oferta pelo pecado era para pecados cometidos, desobedecendo ao mandado do Senhor, feitos em ignorância. Esta oferta se aplicava aos pecados cometidos contra Deus; enquanto a oferta pela culpa se aplicava aos pecados cometidos contra um irmão.

Nós não somos tão sujeitos à ignorância em relação ao que fazemos aos homens quanto ao que fazemos a Deus. No capítulo 4, quando o assunto é a culpa de alguém para com o seu próximo, a ignorância do fato nem sequer é mencionada como possibilidade. A oferta pela culpa, portanto, cobria um pecado cometido em consciência e, apesar de ser um pecado contra o seu próximo, em primeira instância, é dito que o homem “*cometeu ofensa ao Senhor*”.

Todo pecado é, primariamente, um ultraje cometido contra o Senhor. Por isto é que, sendo alguém culpado para com o seu próximo, não era suficiente restituir o mal cometido contra o homem. Havia, também, a necessidade de se trazer uma oferta pela culpa em reconhecimento do pecado como algo contra Deus. Igualmente necessária era a restituição do que havia sido extorquido, ou roubado, porque nada, além disso, indicaria verdadeiro arrependimento.

.oOo.

CRISTO, A OFERTA PELO PECADO E A OFERTA PELA CULPA

É abundantemente evidente, em muitas passagens nas Escrituras, que Cristo é o grande Antítipo (Um **tipo** é uma figura, um modelo ou uma pessoa que tem certos ensinamentos para nós. Um **antítipo** é uma pessoa ou figura que representa outra figura.) prefigurado pela oferta pelo pecado. Vejamos algumas destas passagens para trazer este fato definitivamente às nossas mentes.

Salmo 22.1-3: *“Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?”*. Este clamor, pronunciado pelo Senhor Jesus na cruz, mas registrado pelo Espírito Santo séculos antes de serem ditas estas palavras, era a expressão do Seu coração, enquanto Ele carregava o juízo do pecado sobre Si.

Nunca, anteriormente, Ele fora desamparado por Deus. Por toda a Sua vida, do momento em que foi concebido no ventre de Sua mãe, até ser levantado na cruz, houve uma comunhão ininterrupta com Deus. Apesar de pisar nesta terra, Ele era o *“Deus unigênito, que estava no seio do Pai”* (João 1.18). Até o momento do Seu sofrimento Ele pudera dizer: *“Não estou só, porque o Pai está comigo”* (João 16.32). Por que, então, Ele foi abandonado? A resposta está no versículo 3 do salmo: *“Contudo, Tu és santo”*. O Santo Deus abomina o pecado. E tão perfeitamente Cristo, o Santo de Deus, estava no lugar do pecador, tão perfeitamente Ele *“foi feito pecado por nós”*, que ali, estando em nosso lugar e com nossos pecados sobre Si, Deus O desamparou – virou Sua face para Seu Filho e O deixou sozinho nas profundezas das trevas, a poderosa barreira do pecado.

Tudo o que foi criado é uma manifestação do poder e da sabedoria de Deus, mas nem a Criação inteira se compara à grandeza deste fato. O sacrifício do próprio Deus é mais magnífico e majestoso do que tudo o que já existiu. É Deus abrindo Seu coração ao mundo, declarando o Seu infinito amor por aqueles que não o mereciam e, ao mesmo tempo, mostrando a inflexibilidade de Sua justiça – a mais maravilhosa revelação de Deus já feita em toda a história do Universo.

Vamos agora para Isaías 53.4: *“Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si”*. Ele fez isso nos caminhos de Sua simpatia. Cristo desceu ao mundo dos homens e foi entrando no meio das doenças e tristezas da humanidade. Ele carregou as cargas dos outros com uma plenitude de compaixão e simpatia tão pouco conhecida por nós. Mas ainda havia mais do que isso. Depois de tudo o que fez, Ele ainda haveria de sofrer nas mãos dos homens. *“E nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido... mas Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”*. Que pesada carga Ele carregou! As iniquidades de todos nós se ajuntaram sobre a Sua cabeça!

O verso 10 diz: *“Quando der Ele a Sua alma como oferta pelo pecado...”*. Fica claro que todos os animais sacrificados sobre o altar de Jeová eram meramente sombras que apontavam para o futuro, para o sacrifício que o Santo de Deus, cuja alma foi levada à morte no Calvário, seria a grande oferta pelo pecado e que poderia, sozinha, limpar a humanidade do seu mal.

Comparando estas passagens com alguns escritos do Novo Testamento, deveríamos ler sobre o testemunho de João Batista, no evangelho de João, capítulo 1 e verso 29: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira [ou carrega] o pecado do mundo”*. Cristo é o grande “carregador de pecados”, não apenas para a nação de Israel, mas para o mundo inteiro.

Além destas citações, em 2ª Coríntios 5.21 lemos: *“Àquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus”* e em 1ª Pedro 3.18 lemos: *“Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o Justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus”* e outra vez, em Hebreus 9.26, lemos: *“Agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou, uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de Si mesmo o pecado”*.

Destas passagens selecionadas, e de muitas outras por toda a Palavra de Deus, fica clara a doutrina de que Cristo foi a oferta pelo pecado, doutrina esta fundamental para a base da fé dos santos.

Atualmente, alguns ensinadores professos da Palavra têm negado que os sofrimentos de Cristo foram substitutivos, têm ensinado que a expiação pelo pecado foi efetuada, mas não porque Ele sofreu pelo nosso pecado, mas por Sua perfeita obediência.

Um conhecimento da verdade, assim como ela é ensinada nas ofertas levíticas, iria impedir um erro como esse de ser propagado. O “holocausto” sem dúvida mostra esse aspecto da obra de Cristo, que foi de *“aroma agradável ao Senhor”*, isto é, Sua perfeita obediência, até a morte. Dizer que a expiação foi feita por Sua obediência é verdade, mas representa apenas uma parte dela, e Satanás não possui um meio mais perigoso de propagar o erro do que mostrar um lado da verdade e esconder o outro.

Por um lado, Cristo deu-se a Si mesmo, em oferta voluntária, como um holocausto, de aroma agradável a Deus (Efésios 5.2), mas o aspecto da oferta pelo pecado é totalmente diferente. Ao invés de um aroma suave sobre o altar, o corpo da vítima era levado fora do acampamento e ali era consumido pelo fogo do juízo. *“Fora do arraial”* era o lugar do imundo (Números 5.2) e o lugar do condenado (Números 15.35,36), o lugar da execução daqueles sobre os quais o juízo sem misericórdia fora pronunciado.

Este aspecto da obra de Cristo é, portanto, tipificado pela oferta pelo pecado. Ao mesmo tempo em que Ele era o Filho obediente, dando ao coração do Pai infinito prazer pela Sua submissão num mundo de revolta universal, Ele também se tornou o Filho abandonado, sobre Quem os nossos pecados foram postos, que foi feito pecado por nós; de Quem a face do Pai se virou; contra Quem a espada da justiça punitiva foi invocada; em cujas mãos estava o cálice da ira de Deus; Aquele que, em verdade, sofreu pelos pecados – o Justo pelos injustos; o Substituto que, no lugar de todos os pecadores, sofreu a penalidade por eles.

Na linguagem hebraica há uma palavra que é traduzida tanto como “pecado” como por “oferta do pecado”. Quando lemos *“esta é a oferta do pecado”*, estaríamos, literalmente, lendo “este é o pecado”. E este é o significado das palavras do Novo Testamento *“Ele foi feito pecado por nós”*.

A oferta do pecado era tida como uma personificação do pecado. Ela era julgada como o próprio pecado, amaldiçoada como pecado, levada para fora do arraial como pecado, e ali era consumida, como pecado, pelo fogo do juízo. E tudo isto ao mesmo tempo em que a gordura era queimada sobre o altar, nos falando da intrínseca excelência e aceitabilidade da oferta que, sendo imputada como pecado, sofreu fora do acampamento.

Somos instruídos por estes tipos antigos, sombras dos detalhes da obra de Cristo. Pegamos a chave dada a nós pelo Espírito em o Novo Testamento e destrancamos tesouros contidos nas cerimônias de Levítico e, enquanto Deus nos guia ao conhecimento de Seus desígnios e obras mais preciosos, os detalhes de cada aspecto da obra expiatória

de Cristo se desdobram diante dos nossos olhos maravilhados e nós nos prostramos e louvamos com corações desejosos de adorar.

Para as mentes carnis, estes tipos e sombras tão divinos são deixados de lado como se fossem meramente cerimônias de uma religião inventada por Moisés, para apaziguar uma divindade sedenta por sangue, não mais valiosa do que as religiões africanas ou de hindus.

Mas, pela fé, entendemos que cada uma destas ofertas era, por escolha divina, uma sombra da grande expiação futura no Calvário. E não apenas agora, mas também quando a hora da grande propiciação havia chegado; quando o Antítipo veio para ser oferecido; quando o Cordeiro de Deus foi pregado na cruz e ali ofereceu Sua vida, resolvendo o grande mistério e tornando manifesto a todos os seres inteligentes, aos santos na terra e aos anjos nos céus que, quando Deus estendia Seu perdão aos antigos que chegavam diante dEle confessando os seus pecados e trazendo um cordeiro para morrer em seu lugar, Ele não perdoava por causa do sangue que era derramado sobre o altar, mas por causa do sangue do Cordeiro que Ele iria prover e que, na plenitude dos tempos, se ofereceu para *“aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo”*.

Esta era a justiça de Deus vindicada e estabelecida, pois por cerca de 4.000 anos não houve expiação adequada para os pecados das pessoas. Cada cordeiro que era imolado, cada oferta que era apresentada e aceita, apontava para a oferta que sempre esteve diante dos olhos e do coração de Deus – a oferta dAquele que tomou sobre Si os pecados de Adão, de Abel e de todos os que creram desde aqueles dias até hoje, incluindo os seus, prezado leitor, e os meus.

Agora iremos observar alguns dos detalhes da oferta pelo pecado. Já vimos que, no desejo de Deus, a oferta pelo pecado era feita em primeiro lugar.

Depois da nossa consciência de existência, o fato mais profundo em nosso ser é o de que somos pecadores; de que somos responsáveis diante de Deus; e de que existe em nós uma consciência que atesta o fato do pecado e da nossa dívida para com Deus.

O Deus infinitamente santo não poderia nunca permitir que um pecador se aproximasse dEle a não ser que Sua justiça fosse satisfeita. O caráter de Deus como santo e justo deve ser mantido; portanto, a aproximação do pecador de Deus deve ser da Sua maneira e apenas da Sua maneira. Por isso, a primeira questão a ser resolvida na experiência de cada pessoa é a do pecado. Até que o pecado seja resolvido, nada está resolvido.

Li um livro muito popular sobre “descanso”. Contém belas palavras e pensamentos acerca do cansaço da vida e de suas responsabilidades, e sobre o descanso que se consegue dentro da vontade de Cristo. Mas,

desde o início até o fim, não foi feita nenhuma menção da mais pesada de todas as cargas que o homem pode carregar: o peso do pecado, o peso de uma consciência culpada, a imensurável barreira que fica entre o homem pecador e o santo Deus.

Como, então, pode haver descanso antes que o peso do pecado seja removido e a consciência seja liberta da sombra da culpa do pecado? Como alguém pode descansar antes que seu coração esteja certo que o pecado foi removido de acordo com a justiça de Deus?

O primeiro descanso que nossos corações sentem, a primeira paz que nossas almas podem gozar, é o descanso e a paz que obtemos quando, deixando de lado nossos próprios esforços, cremos nEle, nAquele que fez a obra por nós. No precioso sangue da grande oferta pelo pecado, feita por nós no Calvário, ali sim há paz e descanso, e em nenhum lugar mais.

Na leitura de Levítico 4, nós vemos que, de acordo com o privilégio do homem, tal deveria ser o valor da oferta trazida. *“Uma pessoa dentre o povo”* deveria trazer uma cabra, mas um dos sacerdotes traria um novilho. Isto ensina claramente que, quanto maior for o nosso privilégio, maior é o nosso pecado. Este princípio serviu pra mostrar que é mais infame perante Deus o pecado do crente do que o pecado cometido na ignorância da incredulidade.

É um fato importante o do sacerdote trazer um novilho pelo seu pecado. E mesmo assim, sobre um pecado cometido na ignorância. *“Ainda que não o soubesse, contudo será culpado”* (Levítico 5.17). Mas por que culpado, se ignorante? A ignorância do pecado não o desculpava perante Deus?

Certamente, não, pois algo havia sido feito contra o *“mandamento do Senhor”* (Levítico 4.1; 5.17). Se este era um mandamento do Senhor, ele deveria conhecê-lo. Uma coisa é ser um ignorante obstinado e outra coisa é ser um ignorante por causa da indiferença; em ambos os casos a ignorância por si mesma já é um pecado, ao invés de ser uma desculpa para outro pecado. E, comparando Levítico 5.3 com o v. 17, vemos quão grande é a distinção entre a violação de um mandamento e a mera impureza cerimonial. No v. 17 lemos que *“ainda que não o soubesse, contudo será culpado”*, e no v. 3 lemos *“quando o souber depois, então será culpado”*.

A Palavra de Deus é o critério usado no julgamento e não o meu conhecimento do pecado. E nisto está o erro daqueles que dizem ser perfeitos e que não têm pecado por tantos meses ou anos. Eles querem dizer que não têm consciência de ter cometido algum pecado contra um mandamento. Mas qual é o padrão deles? É a vontade revelada de Deus ou o seu falto e parcial conhecimento dela?

Atentemos nisto: não tentemos abaixar o padrão de Deus para nos exaltar a nós mesmos. Apenas Um teve o conhecimento pleno da perfeita vontade de Deus! Assim, cada passo adiante que dermos no conhecimento de Deus necessariamente irá manifestar nossos pecados. Sob a lei, cada passo dado em direção a um maior conhecimento de ordens transgredidas levava a uma nova oferta pelo pecado. Hoje, o que segue a cada passo dado em direção à luz é uma nova confissão de pecado, e uma firme convicção, baseada na fé, de que cada pecado cometido por mim, mesmo que em ignorância, e mesmo que por vários anos, já foi posto sobre Cristo e removido por Seu sangue.

Infelizmente, quão pouco se tem permitido que a luz da Palavra alcance este objetivo em nosso interior e, quando ela consegue penetrar, sua ação é barrada por um autojulgamento indevido, “desculpando” nossos pecados com a ignorância, o que anula a existência de um espírito quebrantado e agradecido a Deus. Esta luz, o conhecimento de Deus, se não nos levar a nos humilharmos e à confissão, irá causar um inchaço arrogante e o orgulho nos afastará do Pai. Isto é o que causa tantas quedas, tristes e vergonhosas, em nossas vidas.

Em Levítico 4.3 lemos que uma coisa comum a todas as ofertas é o fato de que elas deviam ser “*sem defeito*”, assim como em 22.21 lemos “*deve ser sem defeito para ser aceitável*”. Isto já foi mencionado anteriormente. Enquanto o novilho todo seria levado fora do acampamento e consumido completamente, a gordura e os rins (vs. 8 a 10) seriam queimados sobre o altar. Fora do acampamento era o lugar no qual o imundo (Números 5.2) e o condenado (Números 15.35) eram postos. A palavra hebraica que se traduz “queimar”, nessa situação, implica em juízo pelo fogo.

Mas enquanto o “novilho todo” era tratado como “pecado”, as gorduras internas e os rins com as gorduras que os cobriam eram deixados sobre o altar, para ali ascender até Jeová juntamente com a gordura do holocausto e da oferta pacífica. O que isto significa? Certamente, isto nos ensina que Aquele que “*sofreu fora da porta*” (Hebreus 13.12), que foi “*feito pecado por nós*”, que foi desamparado por Deus e deixado sozinho na escuridão carregando os pecados, era, ao mesmo tempo, o perfeito, e infinitamente aceitável a Deus – em Quem o Pai tinha prazer, apesar de abandonado em juízo e feito maldição pelos pecados daqueles pelos quais Ele sofreu.

As partes deixadas sobre o altar são significativas. Elas eram aquelas partes que nunca poderiam ser vistas por olhos humanos – as partes mais íntimas, às quais apenas se podia chegar pela morte do animal. Se alguma infecção tivesse acometido ao animal, ela seria encontrada neste momento.

Essas partes falam dos pensamentos, motivos, desejos e afeições do bendito Senhor Jesus. É nestas áreas que a nossa imperfeição se torna mais evidente. Externamente, às vezes, nós podemos parecer corretos, mas, quando testamos nossos motivos, nossos desejos, quanta corrupção, quantas coisas repugnantes são reveladas!

E é quando isto é posto à prova, quando colocado na aflição, que tudo isto é exposto, tanto que chegamos a nos enojar de nós mesmos. Mas é exatamente quando a corrupção humana é mais intensamente revelada que se torna mais evidente a perfeição do Cordeiro de Deus. É nos segredos de Sua alma, nos suspiros do Seu coração, que a fragrância de Seus méritos abunda. Foi nas afeições de Cristo, em Seus motivos, todos desconhecidos pelos homens e conhecidos apenas por Deus, que o Pai encontrou todo o prazer. E isto porque Ele era um homem segundo o coração de Deus. Foi na ardente provação do Calvário que o aroma subiu com infinita aceitação diante de Deus.

Era necessária humildade para o sacerdote ao apresentar aquela oferta. Ele era um homem que andava diante do povo, na dignidade do seu serviço, talvez com orgulho em seu coração. Mas chegou ao seu conhecimento que ele desobedecera ao mandado do Senhor. Ele devia, portanto, se achegar ao Senhor, com um novilho. Deus deveria ser satisfeito. Ele é o primeiro, cuja reivindicação deve ser cumprida, pois é contra Ele que são cometidos os pecados, e num caso como este que não envolvia algum erro cometido contra o próximo – somente contra Ele.

A próxima coisa a fazer era *“impor a sua mão sobre a cabeça do novilho”*. Se você ler estes capítulos e marcar cada lugar em que aparece *“imposição de mãos”* verá que esta é, praticamente, uma expressão-chave do trecho. É um ato dos mais importantes, com significados profundos. O que está simbolizado na imposição de mãos?

Creio que ela signifique **identificação**. Significa que, por meio daquele ato, o animal se identifica com a pessoa cuja mão está sobre a sua cabeça. O animal se identifica com a pessoa e a pessoa, com o animal.

Comparando Levítico 5.5, *“confessará aquilo em que pecou”*, com Levítico 16.21, nós podemos depreender que o ato da identificação, a imposição de mãos sobre a cabeça da oferta, era acompanhado pela confissão do erro cometido. É como se ele estivesse dizendo “o pecado que eu cometi está sobre a cabeça do animal; ele é meu substituto, que irá tomar o meu lugar, que irá morrer por meu pecado – morrer a morte que eu mereço morrer, e ser consumido pelo fogo do juízo que eu mereço sofrer”.

E o que você, leitor, e eu fizemos com o pesado fardo dos nossos pecados, com a nossa consciência que, carregada de culpa, clamava

contra nós? Simplesmente, o lançamos sobre Cristo. A fé, por assim dizer, impõe as mãos sobre aquela bendita cabeça. É a fé que nos identifica com Aquele que morreu. Não, em símbolo, como Isaque que estava para morrer, mas com Aquele que realmente morreu. Há muito tempo, Deus já conhecia os meus pecados. Ele conhecia desde o primeiro até o último, e pôs todos eles sobre Jesus, e executou sobre Ele o Seu juízo. E assim, quando Ele morreu, foi como uma oferta pelo meu pecado, e por todos aqueles que, pela fé, O aceitaram e descansaram nEle como o seu Substituto. A fé, portanto, toma para nós aquilo que nos é revelado por Deus e que Jesus conseguiu para nós por Sua morte. Ele nos amou e nos lavou de nossos pecados em Seu próprio sangue.

O próximo passo era *“imolar o novilho perante o Senhor”*. A morte é uma coisa repulsiva. Ela ocorre longe, no matadouro, onde nós não podemos ver. Nós nos alimentamos da carne de animais, mas não pensamos sobre como a morte chegou a eles, ou se eles sofreram. Seria tão bom se pudéssemos ir presenciar a morte de um cordeiro antes de o apreciarmos na mesa do jantar. Isto nos ensinaria, de uma maneira que nunca esqueceríamos, o quanto custaram as bênçãos que recebemos. Mas o animal não seria morto por qualquer pessoa, o ofertante deveria matá-lo, ele mesmo. Fosse um sacerdote trazendo um novilho, ou fosse uma pessoa comum que estivesse trazendo uma cabra por seu pecado, cada um mataria o animal por si mesmo.

Será que há algum outro método de ensinar e trazer ao coração a consciência do que o pecado é, ou de quão terrível é o juízo de Deus sobre o pecado, do que fazer o pecador cortar a garganta do animal que trouxera e ver o sangue da vida sendo derramado? O homem olhava para o seu sofrimento, ouvindo seus gemidos agonizantes e dizia: “Tudo isto é por mim”.

Deixe-me perguntar, você já foi ao Calvário? É uma coisa habitual a nós nos lembrarmos da cruz do Calvário, voltar nossas mentes ao momento em que Jesus sofreu pelo pecado o que nenhum animal, sob a lei, jamais pudera sofrer? Lembre-se que o sofrimento do animal era curto, ele era imolado e sua vida logo terminava, apesar de que ele ainda seria consumido no fogo, fora do acampamento. Isto não é nada mais do que uma figura, uma sombra do sofrimento que na verdade aconteceu ao Cordeiro de Deus, quando sobre Ele caiu a fúria de Deus, a maldição que devia ser de todos nós. O que Jesus sofreu nas mãos dos homens cruéis e culpados, os cravos, os espinhos, os açoites, não se comparam ao sofrimento contido no cálice que o Pai Lhe deu a beber.

Deus quer nos ensinar por esta figura que olhemos para a morte de Cristo e reconheçamos que ela foi causada pelo nosso pecado,

individualmente, como se Ele tivesse morrido pelas nossas próprias mãos, imolado por nós mesmos.

Penso que este é aspecto solene da “*Ceia do Senhor*”. Enquanto nos reunimos ao redor da mesa, o Senhor está no centro, simbolizado pelo pão e pelo vinho. Quando o pão é passado entre nós, cada um toma para si um pedaço e o come. Não é um pedaço tomado e dado a nós por um sacerdote; isto é uma perversão da ordem divina, é uma “*doutrina de demônios*”, um costume satânico desenvolvido e derivado do Catolicismo, para depravar a ordenança original e corromper a sua significância. Este deve ser o pão que **nós** tomamos. Cada um, com sua própria mão, deve tomar um pedaço para si, assim como cada um individualmente se tornou participante do Corpo de Cristo.

Se cinco israelitas chegassem ao mesmo tempo à porta do Tabernáculo com suas ofertas pelo pecado, cada um teria o seu próprio momento para ofertar; cada um teria que confessar o seu próprio pecado; e cada um teria de matar a sua cabra com as próprias mãos. Este é, creio eu, e nada menos do que isso, o pensamento contido no “*partir do pão*”. Assim, cada um relembra à sua própria alma a parte que teve no sofrimento daquele corpo e no derramamento daquele sangue.

Deus nos livre da irreverência, e nos dê pensamentos solenes e profundos enquanto passamos, entre nós, os símbolos do Senhor. É uma ordenança simples, observada de maneira simples, por pessoas simples. Mas não deixemos que sua característica simplicidade nos distraia da sua profunda solenidade.

Então, no verso 5 (capítulo 4), lemos: “*Então o sacerdote ungido tomará do sangue do novilho, e o trará à tenda da congregação; e, molhando o dedo no sangue, espargirá dele sete vezes perante o Senhor, diante do véu do santuário*”. Vemos por esta passagem que Deus é quem devia ser propiciado. É a justiça de Deus que deve ser satisfeita, é a questão com Deus que deve ser primeiramente tratada. A consciência humana está em segundo plano – a justiça de Deus vem em primeiro lugar. E é uma bendita verdade que aquilo que satisfaz o clamor da infinita santidade de Deus é a mesma coisa que satisfaz o clamor da nossa consciência: nada mais, nada menos do que o “*precioso sangue de Cristo*”.

“*Também daquele sangue porá o sacerdote sobre os chifres do altar do incenso aromático, perante o Senhor*”. Não podemos discorrer em todos os detalhes, apesar de serem extremamente instrutivos, mas é memorável o fato de que estas regras serviam para o pecado de um sacerdote, e somente de um sacerdote.

O pecado de uma pessoa comum dentre o povo não penetrava, como o do sacerdote, dentro do lugar santo e, portanto, não necessitava

de sangue sendo espargido sobre os chifres do altar de ouro. Quanto maior for o privilégio e a responsabilidade daquele que peca, maiores são as consequências do seu pecado. Esta é a ideia transmitida em Tiago 3.1: *“Meus irmãos, não vos torneis muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo”*.

Vamos, agora, ver o que é dito sobre o pecado de *“uma pessoa comum dentre o povo”*. Suponhamos que um israelita quebrou algum divino mandamento. Ele leva então uma cabra à porta do Tabernáculo. Ele a mata e o sacerdote tira o sangue e põe um pouco sobre os chifres do altar, sob os olhos de Deus, e depois derrama todo o resto do sangue à base do altar. Tudo foi feito como Deus mandou, e o Senhor diz que *“lhe será perdoado”*. A pergunta é: Como o homem poderá saber se está perdoado ou não?

Você o encontra voltando do Tabernáculo, tendo feito tudo conforme a lei levítica requeria. Ele está voltando à sua tenda com a cabeça baixa e com o coração pesado. Você pergunta a ele o que está errado e ele responde que cometeu uma transgressão contra o Senhor e isso está pesando em seu coração. “Mas”, você pergunta, “você não fez o que o Senhor ordenara para ser perdoado? Você não foi ao sacerdote com uma cabra e confessou o seu pecado, impôs a mão sobre a sua cabeça e a imolou, e depois o sacerdote não fez conforme o Senhor mandara?”. “Ah, sim, tudo foi feito conforme diz a Palavra do Senhor”. “Então, onde está o seu pecado? Ele não foi perdoado?”. Ele responde: “Bem, eu não sinto que ele foi tirado de mim, não estou feliz e não tenho paz quanto a isto”.

Agora, me diga, como você procuraria confortar um homem nesta situação? Você diria a ele para procurar algum tipo de experiência, ou para esperar algum sentimento de alívio, ou para orar pedindo que paz fosse dada a ele? Ou você simplesmente diria a ele para crer no que Deus disse? Deus disse que o pecado *“lhe seria perdoado”*. Portanto, toda a sua dúvida, e temor, e falta de paz, era nada mais, nada menos do que incredulidade. Fé, a simples fé, inquestionável confiança no que Deus diz, teria feito com que ele voltasse para sua tenda rejubilando-se na certeza de que o seu pecado havia sido perdoado. A incredulidade nos faz continuar a carregar o fardo.

Em o Novo Testamento está escrito: *“Se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai,... se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”*. (1ª João 1.9-2.1) Agora, se algum de nós tiver algum pecado pesando em sua consciência, não se apegue à esperança de que com o tempo isto irá sumir. Este é um processo de endurecimento. Não é a maneira de Deus; é a sugestão de Satanás.

Faça conforme a maneira de Deus. Vá e faça uma plena e definitiva confissão do seu pecado; ponha suas mãos sobre a cabeça da Oferta; deixe sua alma descansar pela fé em Cristo e em Sua obra completa. Diga a Deus que Jesus morreu por causa deste pecado, o qual foi posto sobre Cristo quando Ele foi erguido na cruz. E, tendo confessado o pecado, creia com a simplicidade de uma criança que, como Deus é verdadeiro – **fiel**, como diz a Sua palavra, e **justo** baseado no sangue derramado – certamente o pecado está perdoado. Não é apenas a misericórdia de Deus que me dá a certeza do perdão, mas, também, a **fidelidade** e a **justiça** de Deus.

Amigos, não demorem em se acertarem com Deus. Não é preciso esperar sete dias para purificar-se, ou até a manhã, ou até a tarde – não há mais tais instruções. De uma vez só, sem demora, vá com o seu fardo – seu pecado, sua consciência, ou seja lá o que for – e confesse seu pecado aos ouvidos de Deus, para conhecer de novo, pela fé, o poder purificador do “*precioso sangue*”.

Um outro ponto em conexão com a oferta pelo pecado ao qual devemos voltar nossa atenção é encontrado em Levítico 5.5: “*Será, pois que, sendo culpado numa destas cousas, confessará aquilo em que pecou*” e também no final do verso 3: “*Quando o souber, será culpado*”.

Por estas passagens podemos ver que uma luz crescente vinda da parte de Deus causava necessariamente uma maior consciência de pecado e, conseqüentemente, mais confissões de pecados passados. Se Deus nos mostrou pelo Seu Espírito e pela Palavra onde é que estivemos errados, onde é que estivemos pecando ignorantemente contra Ele, então nada mais deve ocupar nossa mente enquanto a confissão do pecado não for feita.

Estou persuadido que este é um dos nossos mais profundos erros, isto é, o fato de termos recebido cada vez mais luz vinda da Palavra de Deus sem correspondermos com humilhação e confissão da ignorância e do pecado que, agora conhecido, nos torna culpados.

Qual é a consequência? Que a luz crescente que nós recebemos causa em nós um inchaço de orgulho e desprezo aos outros, ao invés de nos prostrar ao chão.

Vamos nos perguntar a nós mesmos – já que Deus nos tem dado luz sobre o mal, sobre a confusão, sobre os pecados que nos cercam e nos quais tomamos parte algumas vezes no passado, guiando-nos passo a passo para o lugar em que estamos –, sim, vamos perguntar-nos: Temos nós reconhecido a nossa culpa perante Deus, tendo permanecido por tanto tempo culpados, embora ignorantes da Sua vontade? Temos nós ocupado a posição que nos foi outorgada com corações quebrantados? Ou temos nós agido como tendo mais luz do que os que nos cercam, elevando-nos e nos orgulhando disto, dispostos a julgar ou

a desprezar àqueles que estão onde nós estávamos há não muito tempo atrás? O espírito no qual a luz é recebida é o que irá fazer com que o testemunho dado dali em diante seja para a glória de Deus, ou um que traga desonra ao Seu Nome.

Ao mesmo tempo que receber mais luz vinda de Deus nos traz alegria sincera sobre os nossos passos, e que seguir a luz recebida é o único caminho seguro, lembremos sempre que a luz de Deus deve nos levar a nos prostrarmos diante dEle em acerto de contas quanto à nossa ignorância passada.

Ignorância não é desculpa para o pecado, já que a própria ignorância é o resultado da falta de chegar à luz, da negligência em sua busca. Há alguém que nunca sentiu que deveria ter sabido da vontade de Deus bem antes de quando soube? Causada pelo medo das consequências, de prejuízos e por muitos outros possíveis motivos, a ignorância por si só já nos torna culpados.

O próximo ponto de destaque que eu desejo mostrar é o caráter **definido** da confissão. Você conhece a expressão “perdoa os nossos pecados, por Cristo, amém”, usada tão comumente para pedir perdão de uma maneira geral. Esta expressão é usada no final de muitas orações. Mas o fato é que não importa que ela seja dita milhares de vezes, mesmo que com sinceridade, ela não é fruto de um autojulgamento, e não expressa nenhum real acerto com Deus sobre as coisas nas quais nos temos tornado culpados.

Quão diferente é a instrução da Palavra! Ele devia **confessar aquilo em que pecou!** Não podemos chegar diante de Deus com uma confissão genérica, querendo confessar a Ele pecados pelos quais nada sentimos.

E isto nos leva à próxima questão: que a confissão do pecado, seja ele um pecado de pensamento ou de ato, seja um sentimento de raiva ou de inveja, ou um erro cometido, deve vir acompanhado de auto-humilhação. Fazer uma confissão definida de nossos pecados é um ato humilhante.

A erva daninha mais profundamente enraizada em nossos corações é o orgulho. As ordenanças de Deus são diretamente opostas a essa amarga raiz. Assim, Deus deixa sobre nós a responsabilidade de, enquanto recebemos uma luz crescente dEle, confessarmos nossos pecados cometidos e a nossa ignorância deles.

Vamos dar um exemplo. Suponhamos que Deus nos dê luz acerca do tema do batismo dos crentes. Nós então aprendemos, talvez depois de alguns anos, que a aspersion de crianças não é o que Deus instituiu, mas invenção humana. Lendo na Sua Palavra sobre esta ordenança, resolvemos dar os passos que Deus ordenou fossem dados. Mas quão frequentemente isto tem sido feito sem uma sombra de autojulgamento

ou humilhação por causa dos anos em que se esteve na ignorância da vontade do Senhor, e até mesmo contendendo acerca disto! A ordem foi obedecida, mas, infelizmente, não com um espírito quebrantado, mas com um espírito petulante e orgulhoso, com um coração sem auto-humilhação, que não sentiu a vergonha da confissão de um pecado cometido.

Lembremos que confissões genéricas e coletivas não substituem o propósito da confissão definida e particular feita em secreto, na presença de Deus. É ali que a luz brilha mais claramente e mostra a escuridão de nossos pecados, e ali, sozinhos na presença de Deus, é que a real bênção é alcançada.

Quero repetir estes três pontos. Em primeiro lugar, que a luz crescente recebida deve causar confissão de pecado cometido. Em segundo lugar, que a confissão, de acordo com o desejo de Deus, deve ser feita de maneira definida e específica. E, finalmente, em terceiro lugar, que a confissão é algo vergonhoso e, por isso, deve vir acompanhada de auto-humilhação.

Agora, gostaria de mostrar um quarto ponto sobre este assunto: a confissão genuína do pecado nunca virá junto com uma desculpa.

A confissão de Adão não foi uma plena e franca confissão, pois ele disse: *“A mulher que Tu me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi”* (Gênesis 3.12). A confissão de Arão também não foi sincera quando ele disse: *“Tu sabes que o povo é propenso para o mal... eu lancei o ouro no fogo, e saiu este bezerro”* (Êxodo 32.22-24). Saul não estava fazendo uma confissão sincera quando disse: *“Dei ouvido à voz do Senhor,... mas o povo tomou do despojo ovelhas e bois”* (1º Samuel 15.20,21).

Estas não foram confissões sinceras. Não são do tipo de confissão que é aceitável diante de Deus. E mais, não são confissões como essas que trazem plenas bênçãos à alma.

Quantas vezes temos ouvido palavras como estas: “Eu irei admitir o meu erro se ele admitir o seu”. Não há nem uma faísca de humildade nestas palavras. Quão diferente foi a atitude de Davi ao ser confrontado com seu pecado. Ele simplesmente respondeu: *“Pequei contra o Senhor”* (2º Samuel 12.13), e apenas isto. Não disse mais nenhuma palavra, ou tentativa de se desculpar. Outra vez ele disse, e Deus o recordou para nossa instrução: *“Pequei contra Ti, contra Ti somente, e fiz o que é mal perante os Teus olhos”* (Salmo 51.4).

Isto significa que ele não pecou também contra Urias, o heteu, ou que ele não pecou contra Bate-Seba? Certamente que não. Isto significa, sim, que, apesar de ser grande o pecado cometido contra o seu irmão, a ofensa era pequena quando comparada com a enormidade da

ofensa feita a Deus. Davi viu este fato à luz da presença de Deus, e ali não há desculpas!

A autojustificação e acusação dos outros é algo que nunca faz parte de uma confissão que é produzida debaixo da convicção do Espírito de Deus. Deixe qualquer outra questão de lado, veja a sua própria responsabilidade, sua própria culpa diante de Deus e, apresentando sua confissão sincera, desta maneira você encontrará misericórdia de Sua parte.

Mas esta misericórdia está baseada no sangue. Deus nunca poderia ter perdoado um israelita que chegasse a Ele para confessar o seu pecado, mesmo que com sinceridade, envergonhado, julgando-se a si mesmo com os olhos de Deus, sem que o sangue da oferta pelo pecado, sobre a qual o homem havia imposto sua mão, não fosse derramado.

Um outro fato importante concernente à confissão se encontra em Provérbios 28.13: *“O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia”*. Confissão genuína sempre é seguida de arrependimento do pecado confessado.

Se houve uma sincera e específica confissão com auto-humilhação perante Deus, e uma convicção real da infinita preciosidade do sangue de Cristo, a grande Oferta pelo pecado que purifica de todo mal, então a porta está aberta para o fluir da graça que irá nos fazer abandonar o pecado ao qual tínhamos mãos e pés atados anteriormente. Não há pecado que o sangue de Cristo não possa limpar e de que o poder do Espírito Santo não nos possa libertar. E é nosso privilégio clamar por esta ajuda.

Clamar, pela fé, a Deus pelo poder da Sua graça para nos livrar do pecado no seu domínio prático é clamar pelo outro aspecto da mesma graça que perdoa.

Por isso, mais luz recebida se torna ocasião para conhecermos mais a Deus e a nós mesmos; os próprios pecados pelos quais nos humilhamos se tornam a ocasião de bênçãos, e nos tornamos “mais que vencedores”. Quão maravilhoso é o fato de que Deus converte os nossos pecados em bênçãos. Pedro aprendeu, por negar ao seu Senhor, como eram fracas as suas próprias resoluções, e que ele apenas estava seguro quando dependendo do poder mantenedor do Deus vivo. Ele aprendeu a ter compaixão pelas falhas dos outros e assim estava apto para apascentar os cordeiros e ovelhas do rebanho de Cristo.

Concluindo, devo acrescentar que na oferta pela culpa, por pecados cometidos contra o próximo, confessar o pecado a Deus não era a única coisa necessária. Ao se buscar o perdão, a pessoa também deveria buscar reparar o erro cometido. E não apenas isto; deveria ser

mais do que uma simples reparação. No dia da oferta pela culpa, o israelita deveria reaver ao seu próximo aquilo que ele havia perdido e adicionar a isto a quinta parte.

Há, aqui, um princípio dos mais importantes. Em cada confissão feita entre homens, não se deve apenas resolver não repetir o erro, mas também deve haver esforço deliberado de se curar o erro já feito. Nada menos do que isso irá evidenciar a realidade do arrependimento e da confissão.

Você se lembra de como, na alegria da nova vida recebida, Zaqueu disse, entre outras coisas, *“se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”* (Lucas 19.8). Não como dizia a lei, “se eu tomei vinte denários, eu vou devolver vinte e quatro”, mas, “se tomei um talento, devolvo quatro talentos”. Isto mostra uma real compreensão do que a graça havia feito por ele.

Assim, aquele que havia-se tornado culpado, agora se tornava um homem melhor do que se nunca a transgressão tivesse sido cometida. E nisto está uma verdade maravilhosa. O bendito Senhor Jesus não é apenas a oferta pelo pecado, mas também é a oferta pela culpa. Sobre isto, lemos no Salmo 69.4: *“Tenho de restituir o que não furtei”*.

Os erros que são cometidos entre os homens são todos corrigidos e mais do que recompensados na riqueza de Sua graça. Você e eu, pela Sua obra como oferta pela culpa, recebemos mais bênçãos, e gozamos de uma porção muito mais rica do que se nunca tivéssemos pecado contra um irmão, ou se um irmão nunca tivesse pecado contra nós. Somos trazidos perto de Deus; recebemos riquezas que anjos nunca sonharam possuir; partilhamos das insondáveis riquezas de Cristo; somos membros de Seu corpo; habitados pelo Seu Espírito e co-herdeiros com o Filho de Deus.

.oOo.

CRISTO, O HOLOCAUSTO

O livro de Levítico se inicia com o Senhor falando a Moisés *“da tenda da congregação”* (1.1). Este era o lugar escolhido por Jeová para comunicar os Seus propósitos em relação ao Seu povo como Seus adoradores, como Seus servos, e em relação à sua vida como um povo santificado habitando à Sua volta.

Em Êxodo 25.22, lemos: *“Ali Eu virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que Eu te ordenar para os filhos de Israel”* e em Números 7.89: *“Quando Moisés entrava na tenda da congregação para falar com o Senhor, então ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório, que está sobre a arca do testemunho entre os dois querubins; assim lhe falava”*.

Quão diferente disto foi quando da entrega da lei, com as vozes e trovões e terremotos, saindo da espessa escuridão do Sinai! No tabernáculo havia o altar e as ofertas, e o sangue espargido no propiciatório, tudo isto falando de Cristo e de Sua obra expiatória. Ali, Deus poderia manter comunicação com o povo, pelo Mediador, fazendo com que Seu povo pudesse aproximar-se, em graça, de Si.

Já aprendemos, em relação à oferta pelo pecado, que aquilo que fosse apresentado ao Senhor deveria ser perfeito para ser aceitável, pois, se não fosse assim, não poderia de maneira nenhuma ser reconhecido por Deus como uma figura que apontava para o imaculado Cordeiro de Deus. Já vimos, também, o significado da imposição das mãos sobre a cabeça da oferta. E depois vimos – tanto na oferta pelo pecado como no holocausto – o fato do ofertante matar, por suas próprias mãos, o animal.

Assim, nós fomos instruídos que o perdão dos pecados não pode ser alcançado sobre outra base que não seja o derramamento de sangue; portanto, é sobre esta mesma base – a da morte expiatória do Filho de Deus – que nós fomos levados à posição de reconciliados com Deus, e fomos *“aceitos no Amado”*. O precioso sangue que nos protege do fogo do juízo no inferno nos trouxe ao próprio lugar de graça e proximidade no qual Cristo está como o Filho amado do Pai.

Quando o Senhor Jesus foi até João para ser batizado por Ele no Jordão, os céus se abriram e uma voz veio do Pai dizendo: *“Este é o Meu Filho amado, em Quem Eu tenho prazer”* (Mateus 3.17). Este foi o começo do Seu ministério público e, no seu final, a mesma voz veio no monte da transfiguração: *“Este é meu Filho amado, em Quem Me comprazo; a Ele ouvi”* (Mateus 17.5). Como é grande o deleite de Deus em Seu querido Filho, sempre aceito na santa presença de Deus! Nenhuma nuvem ou sombra jamais esteve entre a Sua alma e a do Pai. Ele viveu em perpétuo brilho na face do Pai, exceto no momento em que foi feito pecado por nós e foi desamparado pelo Pai.

Qual foi a Sua agonia no Getsêmani, Seu suor caindo como gotas de sangue no chão, Seu clamor: *“Pai, se possível, afasta de Mim este cálice”!*

Homens andaram até a frente do pelotão de fuzilamento sem tremer, mártires deram aleluias nas chamas. Qual então foi o

significado deste assombro que acometeu ao Filho de Deus? Foi mera fragilidade da natureza humana? Certamente, não! Se fosse, Ele teria sido mais fraco ou inferior a todos os santos que sofreram a morte com alegria triunfante. Não há nenhuma outra explicação além do fato de que, na cruz, carregando os nossos pecados, Ele estava sendo abandonado por Deus, porque havia sido *“feito pecado por nós”*.

Que argumentos e teorias humanas nunca diminuam nossa compreensão desta preciosa e fundamental verdade, de que Cristo sofreu pelos pecados, *“o Justo pelos injustos”*; de que Ele sofreu o justo julgamento de Deus para nos trazer perdão, paz e liberdade.

Mas este é apenas um aspecto da verdade. Este é o aspecto representado pela oferta pelo pecado. Há, ainda, um outro aspecto da mesma verdade da expiação representado pelo holocausto. Aqui, nós O vemos como Aquele que deu-Se a Si mesmo, totalmente, como oferta a Deus, a oferta *“totalmente queimada”*. *“Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro, em Meu coração está a Tua lei”* (Salmo 40.8). Seu primeiro e último pensamento foram de cumprir a vontade do Pai. Interesses próprios nunca foram sequer cogitados. Egoísmo é uma contínua herança nossa, mas não foi assim com Ele. Ele era a oferta *“totalmente queimada”*, por toda a Sua vida, sofrendo por obedecer a Deus, tornando-se perfeito e *“obediente até a morte”*.

As palavras encontradas no verso 3, *“para que o homem seja aceito perante o Senhor”*, dão força para a ordem no próximo verso, *“porá a mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito a favor dele, para fazer a sua expiação”*. As palavras *“fazer a sua expiação”* significam, literalmente, “colocar uma cobertura sobre o homem”, ou seja, colocar algo sobre ele para que Deus olhe para o homem com complacência, com deleite. Esta é a ideia da expiação. É o sangue que cobre as nossas almas, assim como era o sangue que era posto nas ombreiras das portas, na noite da primeira Páscoa, que cobria o primogênito de sofrer o juízo.

Há um ponto interessante, em relação à expiação, na história da arca construída por Noé. Foi ordenado a ele que a *“calafetasse com betume, por dentro e por fora”* (Gênesis 6.14). A palavra traduzida por *“betume”* é exatamente a mesma palavra hebraica que também se traduz *“expiação”*. Era uma cobertura e uma proteção. Expiação é a cobertura sob a qual estamos nós que não somos perfeitos, mas que somos abençoados. Nós, que nada temos de bom em nós mesmos, não poderíamos jamais ser aceitos na presença de um Deus santo.

Mas, qual é esta cobertura? Ninguém mais, ninguém menos do que o próprio Senhor Jesus Cristo na eficácia da Sua consumada obra expiatória. Ele é o grande Holocausto aceito por nós, e no qual somos aceitos. Ele é Quem *“se tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e*

santificação, e redenção” (1ª Coríntios 1.30), de maneira que, mesmo não tendo nada para nos gloriarmos em nós mesmos, podemos nos gloriar nEle. Podemos ter a firme certeza que Deus se satisfaz plenamente com a cobertura que Ele mesmo providenciou para nós.

Agora, note que, como no caso da oferta pelo pecado, o ofertante deveria matar o novilho com suas próprias mãos. Ele deveria pôr suas mãos sobre a cabeça do animal – em sinal de identificação. Deveria, também, matar o animal e, como lemos no verso 6, *“ele esfolará o holocausto, e o cortará em pedaços”*.

Já estivemos meditando sobre o significado da ordem de que aquele que havia pecado teria de matar a sua própria oferta, mas aqui nós somos trazidos ao mesmo ponto novamente. Aqui, não temos alguém que tem um pecado específico a ser confessado, mas alguém que está profundamente cômescio de que não é uma oferta totalmente queimada para Deus, que não é perfeito, e que, mesmo assim, deseja ser aceitável perante Jeová. Ele não quer ser meramente justificado, mas gozar do lugar que ocupa, de alguém trazido para perto, em graça, para ser um deleite para o Deus cuja glória ele agora vê tão próxima de si. Esta é a ideia presente no holocausto. Mas, ao fazer isto, ele deve matar o animal.

Assim como aquele que havia pecado não poderia gozar do perdão de Jeová até ter matado sua oferta, este que deseja ser aceito na presença de Jeová não o pode ser sem sentir que ele mesmo foi a causa da morte do animal ofertado como holocausto; assim, também, foi que o Senhor Jesus, para nos deixar em posição de favor diante de Deus, sofreu por nós. Ele não apenas sofreu para que pudéssemos ser **justificados**, mas sofreu para que fôssemos **aceitos**.

É na Epístola aos Romanos que encontramos as firmes e fundamentais verdades sobre a justificação que foi oferecida, mas é na epístola aos Efésios que nos deparamos com outro aspecto da mesma verdade, o da aceitação.

Não é que em Efésios a nossa condição de perdidos é esquecida; pelo contrário, ela é detalhadamente descrita no capítulo 2. Em Efésios 5.2 nós lemos que *“Cristo nos amou, e se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave”*. Aqui, não lemos do juízo de Deus caindo sobre Ele, como maldição; não O vemos como Aquele que *“foi feito pecado por nós”*. Aqui, lemos da oferta de Si mesmo como o Holocausto, a Oferta totalmente queimada.

E, como já vimos, a palavra que se traduz *“queimada”* não é a mesma da palavra usada com relação à oferta pelo pecado. Enquanto na primeira oferta ela significava “juízo pelo fogo”, aqui a palavra traduzida tem o sentido de “queimado como incenso”. O termo *“aroma suave”* não se aplica à oferta pelo pecado queimada fora do acampamento de Israel,

mas é perfeitamente aplicável ao holocausto, totalmente consumido sobre o altar.

Em harmonia com esta passagem do quinto capítulo de Efésios, nós lemos, no capítulo 1, não apenas que os crentes são justificados e perdoados, mas que são *“aceitos no Amado”*, e colocados num lugar tão aceitável diante de Deus como filhos em relação ao seu pai. De fato, os crentes são tão aceitos diante dEle como Cristo o é. As bênçãos que Deus conferiu a nós são na medida das bênçãos aplicadas a Cristo. Deus deu a Cristo toda a honra, e bênçãos, toda a glória, e nos abençoou com tudo isto nEle. É por estarmos em Cristo que Ele dá a nós *“toda sorte de bênçãos espirituais”*.

Ainda em relação ao tópico da aceitação, vejamos o que se diz em Êxodo 28.36-38. *“Santidade ao Senhor”* é o que estava gravado numa lâmina que ficava sobre a testa do sumo sacerdote. Esta lâmina ficava atada à mitra por um cordão de estofado azul, de maneira que seria a primeira coisa a ser vista por Jeová, do propiciatório. O sumo sacerdote então, representando Israel, ministraria, sempre com esta lâmina na sua testa, *“para que fossem aceitos perante o Senhor”*. Não para que fossem *“justificados”*, mas, como um povo justificado, se aproximando do Senhor com suas ofertas, para que fossem *“aceitos”*.

Há uma expressão solene e significativa nesta passagem. Arão levaria *“a iniquidade concernente às coisas santas”*. Ao chegarmos diante de Deus, será que estamos conscientes de que, misturada ao nosso serviço, orações, louvor e adoração, há alguma coisa para impedir a sua aceitação por um Deus santo?

Como é reconfortante, então, saber que a Oferta *“ascendente”* (holocausto) não apenas deu-se a Si mesmo a Deus para nossa aceitação, mas ainda hoje, na eficácia desta Oferta, está diante de Deus como o Grande Sumo Sacerdote, *“santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus”* (Hebreus 7.26), assentado *“à destra da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem”* (Hebreus 8.1,2).

A fronte uma vez coroada de espinhos hoje veste a mitra. A santidade ao Senhor é, em Cristo, como sempre foi, mais profunda do que as marcas gravadas na lâmina de ouro. Sobre Ele permanece o amor de Deus, e nEle o coração de Deus encontrou o aroma agradável. É nEle que nós fomos aceitos, e Sua aceitação é a medida na qual nós também o somos; o amor do Pai para com Ele é a medida do amor com o qual nos ama (João 17.23). É sobre os ombros dEle que nossas almas descansam perante Deus.

O homem não pode jamais conceber pensamentos como estes. Eles são revelações do coração de Deus, comunicados a nós pelo Espírito Santo por Sua Palavra.

Vejam agora Levítico 1.8,9. As partes aqui enumeradas são: “a cabeça e a gordura”, “as entranhas e as pernas”.

De acordo com o idioma hebraico, a “gordura” significa o melhor. Compare com Números 18.29-32, onde a palavra “melhor” aparece assim como no idioma original, e com o verso 16 do Salmo 81, onde o “trigo mais fino” traduz, literalmente, “a gordura do trigo”.

A gordura que era deixada sobre o altar era a gordura interna, chamada de visceral; não eram as partes de gordura que se misturavam com a carne. A gordura visceral só pode ser alcançada causando a morte do animal. E esta, juntamente com a cabeça, era deixada sobre o altar. A cabeça é o centro do entendimento e o que controla todo o ser.

Depois, as entranhas e as pernas, primeiramente lavadas em água e então postas sobre o altar. Tudo isto é significativo e nos fala da perfeição dAquele no qual nós somos aceitos.

A cabeça do leproso era expressamente imunda (Levítico 13.44). Orgulho, arrogância, autoexaltação contra Deus foi o pecado que destituiu Satanás da posição que ocupava, foi o pecado com o qual ele envenenou a natureza humana, e será plenamente evidente no Anticristo, que “*exaltará a si mesmo*” e fará de acordo com sua vontade.

O Filho de Deus é o oposto de tudo isto. Ele tinha o coração humilde, mesmo tendo plena consciência e entendimento da mente e da palavra de Deus. Nunca houve um pensamento em Sua mente, ou um motivo oculto em Seu coração, que não estivesse em perfeito acordo com os pensamentos de Deus.

Deus exigiu a gordura de todas as ofertas. O melhor e o principal são Seus por direito, mas quem jamais cumpriu esta exigência como o fez o santo Filho de Deus? Quaisquer que tenham sido as afeições, as energias gastas em prol dos homens – que, certamente, foram maravilhosas – Deus ainda tinha o principal e o melhor. Frequentemente, em nossas vidas, o serviço exige cada vez mais tempo, energia e recursos, e acaba silenciando Deus. É fácil para uma mente ativa colocar o serviço em primeiro lugar e deixar o último para Deus, mas nunca isso aconteceu com o Senhor.

As entranhas, já mencionadas na oferta pelo pecado, eram lavadas em água. Água é, sabidamente, um símbolo da Palavra de Deus. Água viva (ou corrente) simboliza o poder da Palavra do Espírito Santo. Igualmente, as pernas, representando o exterior do animal, eram lavadas com água.

Às vezes, podemos ter a palavra de Deus dentro de nós, mas não em um poder tal que controle nossas atitudes e caminhos externos.

Outras vezes, nós podemos estar exteriormente certos, tomando um caminho rigorosamente em conformidade com a Palavra, mas sem conhecê-la e gozar disto em nosso íntimo.

Mas aqui a água é aplicada a ambos. É a Palavra de Deus aplicada no poder do Espírito Santo tanto aos desígnios e emoções interiores como também aos caminhos e conversações externas. Sempre foi assim com o nosso bendito Senhor. Ele podia dizer “*dentro do Meu coração está a Tua lei*” (Salmo 40.8).

Deus deseja ver a verdade no íntimo dos homens. Mas, se um homem disser que não tem pecado, “*engana-se a si mesmo, e a verdade não está nele*”. Ou seja, ela ainda não teria penetrado no mais íntimo do seu ser e o homem teria descoberto quão longe está do padrão de perfeição.

Mas com o Senhor Jesus a vida externa e interna eram, igualmente, moldadas e controladas pela Palavra de Deus. Era por toda palavra vinda da boca de Deus que Ele vivia. Qualquer pensamento íntimo ou passo externo tomado estava debaixo do poder da Palavra de Deus.

É somente ao meditarmos sobre a Palavra, nos alimentarmos dela e viver por ela, que ela pode produzir em nós caminhos que sejam agradáveis a Deus e parecidos com o de Cristo. Toda esta divina perfeição estava incluída no aroma agradável do holocausto ascendente apresentado a Deus no Calvário.

Quando olhamos para a oferta pelo pecado, vimos que ela precedia o holocausto. Apesar de ser assim, os holocaustos sempre eram em maior número do que a oferta pelo pecado (Números 7.15,16; Levítico 23.18,19; 2º Crônicas 29.21-32).

Isto quer dizer que o aspecto da obra de Cristo representado pela oferta pelo pecado, isto é, Seu Ser sendo feito pecado por nós, é fundamental e de primária importância. No entanto, Deus olharia para este aspecto somente quando houvesse necessidade. Ao passo que, com relação ao aspecto da obra de Cristo tipificado pelo holocausto, ou seja, Sua obediência até a morte, Seu prazer em fazer a vontade de Pai, Seu sacrifício de Si mesmo em amor, em fê, em obediência a Deus, este aspecto é, continuamente, prazeroso ao ser contemplado pelo Pai.

Era um holocausto, e não uma oferta pelo pecado, que ascendia manhã e tarde, sem interrupção, sobre o altar, em favor de Israel. E mesmo naquele dia do ano em que, sobre todas as coisas, a expiação do pecado era o mais importante – quando o sangue da oferta pelo pecado era aspergido no propiciatório – eram apenas algumas gotas que caíam do dedo do sumo sacerdote, sobre o propiciatório, sob os olhos de Deus. Aquelas gotas falavam de toda a angústia do Calvário.

Assim, essa horrenda transação, a obra fundamental que fabricou a graça divina e a glória da nova criação, a imputação do pecado ao Santo de Deus, o levantar da espada em juízo contra o Amado, o abatimento do Pastor, é trazido à memória somente quando se faz necessário. Mas, a Sua obediência em vida e em morte, Sua devoção ao Seu Pai, cada pensamento, afeição, desejo, motivo, foi dado a Deus, e isso num mundo em que tudo estava em revolta, e em que Deus era blasfemado. Assim, o holocausto é continuamente o deleite de Deus. Por isso é que, no capítulo 29 de 2º Crônicas, lemos que nenhum cântico acompanhou a apresentação da oferta pelo pecado, mas que *“em começando o holocausto, começou também o cântico do Senhor”*.

A bênção de ver o nosso pecado sendo expiado é uma bênção que combina mais com lágrimas do que com canções de júbilo. Mas, quando vemos não apenas o pecado sendo levado embora, mas o próprio povo que havia pecado sendo trazido para perto de Deus, em Seu favor, se prostrando perante o trono como filhos *“aceitos no Amado”*, ah!, é isto que leva o coração a cantar de alegria. E a alegria do Senhor é a nossa força.

Mostre-me um cristão sem alegria e eu lhe mostrarei um cristão fraco. Mas um cristão que conhece e usufrui de sua aceitação no Amado, um que sabe do que Cristo é para Deus, e sabe que é isto o que também ele é para Deus, este conhece o segredo da paz, da gratidão, do poder que pode nos sustentar contra toda tentação e tristeza, e dar vitória até mesmo sobre a morte.

.oOo.

CRISTO, A OFERTA PACÍFICA

Em Levítico 3.1, lemos: *“Se a oferta de alguém for sacrifício pacífico”*. É a primeira vez que a palavra *“sacrifício”* aparece neste livro e, onde mais ela apareça, ela está quase invariavelmente relacionada à oferta pacífica.

Em Hebreus 10.8, vemos uma classificação divina quanto às ofertas: *“sacrifícios”*, se referindo à oferta pacífica; *“ofertas”*, mencionando a oferta de manjares; *“holocaustos”*, em referência a este tipo de oferta; e *“oblações pelo pecado”*, em referência às ofertas pelo pecado e pela culpa, já que ambas são do mesmo caráter. É importante,

e ilumina o entendimento de muitas passagens, ver a conexão especial entre a palavra “sacrifício” e a “oferta pacífica”.

As mesmas coisas feitas quanto da apresentação da oferta pelo pecado e do holocausto deveriam ser feitas. O ofertante deveria trazer o animal até a porta do tabernáculo, pôr suas mãos sobre a sua cabeça e matá-lo com as próprias mãos. Cada vez que nos aproximamos de Deus, somos lembrados que tal acesso é garantido somente sobre a base firme da morte do Substituto, seja como na oferta pelo pecado, sob um sentimento de culpa e consciência pesada; seja como no holocausto, sob a alegria da nossa aceitação no Amado; ou seja como na oferta pacífica, no gozo do amor do Pai e do Filho, no conhecimento dos grandes e preciosos pensamentos do coração de Deus.

Esta verdade, a da imposição de mãos sobre a oferta, é muito importante aos olhos de Deus, e por isso recebe dEle tanta preeminência; e por causa de sua importância é que Satanás luta contra isto, por meio de ensinamentos errôneos, esforçando-se para miná-la e tirá-la de nós.

A imposição das mãos sobre a cabeça do sacrifício e a sua morte, expressam a fé que identifica o ofertante com a oferta, que pode dizer:

*“Por mim, morreste, meu Senhor,
Em Ti, pois, eu morri”.*

“E os filhos de Arão, os sacerdotes, espargirão o sangue sobre o altar ao redor” (v. 2). Não era simplesmente espargir algumas gotas com o dedo como era feito sobre o propiciatório, mas era espalhar o sangue de maneira que todo o altar ficasse coberto dele – como se fosse uma firme testemunha do fato de ter sido o lugar da morte.

“É manjar da oferta queimada, de aroma agradável” (v. 16). Esta expressão, *“aroma agradável”*, significa, literalmente, um “aroma tranquilizador”. É encontrada pela primeira vez nas Escrituras quando Noé sai da arca e oferece holocaustos ao Senhor. Ali está escrito: *“e o Senhor aspirou um aroma de descanso”* ou *“e o Senhor aspirou o suave cheiro”* (Gênesis 8.21). Mas este *“suave cheiro”* não veio do sangue das ofertas de Noé, mas do sangue da Oferta da cruz do Calvário, da qual as ofertas antigas eram sombra e figura. É ali que o coração de Deus encontra descanso e satisfação. Estas ofertas só tinham valor por trazerem diante de Deus, em antecipação, a morte do Seu próprio Filho amado.

Agora, preste atenção nas partes que eram postas sobre o altar. Elas diferem das usadas no holocausto. Naquele sacrifício nós tínhamos a cabeça e as pernas, mas aqui temos todas as entranhas. Lembrando

sempre que, como ainda veremos, o pensamento principal por trás da oferta pacífica é **comunhão**.

Comunhão significa participação conjunta, e isto é mostrado pelo fato de haver uma parte da oferta que era posta sobre o altar para Jeová, uma parte que era dada para o sacerdote comer, e a sobra que poderia ser posta à mesa na qual o ofertante e outros poderiam comer. Assim, nós vemos que esta oferta expressa a grande verdade espiritual da comunhão.

As partes que eram postas sobre o altar são chamadas de “*manjar da oferta queimada*”. Em Levítico 21.17 é chamado de “o pão [ou manjar] do seu Deus”. O altar era o lugar onde o manjar de Deus era colocado diante dEle; era onde Deus, por assim dizer, era satisfeito, se alimentando antecipadamente da Pessoa e da Obra do Seu amado Filho.

O significado das entranhas serem postas sobre o altar foi discutido na oferta do holocausto e na oferta pelo pecado, e também o fato da gordura representar o melhor de tudo. Deus exige o melhor. Cristo deu a Ele o melhor e nós temos a responsabilidade de dar a Deus o melhor de todo o nosso ser redimido. Mas será que nós cumprimos com esta responsabilidade? Não é verdade que muitas vezes nós pegamos o melhor para nós mesmos e damos a Deus aquilo que “sobra”?

Se as partes internas, a gordura e os rins, estivessem sadios, então todo o animal deveria estar incorrupto. E tudo isto, tipificando a excelência da Pessoa do Senhor Jesus, subia como um aroma agradável a Jeová em favor daquele que apresentara a oferta, que impusera suas mãos sobre a cabeça da vítima e que matara o animal.

Todas estas perfeições do Seu querido Filho poderiam ter sido usadas por Deus contra nós para nos condenar. A lei nos condena, de fato, mas muito mais profunda seria a nossa condenação se Deus nos provasse pela vida do Seu amado Filho, e não pela lei.

Mas toda esta perfeição, ao invés de ser contra nós para condenar-nos, foi apresentada a Deus por nós, derramada sobre o altar, e ali subiu a Deus com um aroma tranquilizador, ganhando para nós uma paz firme e eterna. “*Ele é a nossa paz,... fazendo a paz... por intermédio da cruz*” (Efésios 2.14-16).

Quando o Senhor Jesus curou e abençoou a alguns que se achegaram a Ele, o que Ele dizia a essas pessoas era “*vai-te em paz*”. Mas esta expressão não dá a força do sentido original. Não era meramente “vá em paz”, mas “vai-te na paz”, como se Ele tivesse dito “entre no estado, ou na condição da paz”.

O Senhor Jesus apareceu no meio dos Seus discípulos como a grande Oferta pacífica, mostrando Suas mãos e Seus pés feridos e

dizendo *“paz seja convosco”*. Os ferimentos falavam de Sua morte, de Seu sangue derramado, a sólida base da paz que Ele legou a eles. A nossa paz é a paz que Cristo fez. É a paz de Deus.

Deus tem paz na essência do Seu caráter, na Sua própria justiça, na estabilidade do Seu trono, no fato de perdoar um pecador rebelde e justificá-lo, e chamá-lo de Seu filho, e de colocá-lo como um adorador aceito diante dEle? Sim, Deus tem e mostra paz em todas estas questões. Paz feita pela grande Oferta pacífica que responde a cada exigência da santidade de Deus. E esta mesma paz é nossa pela fé.

E o Senhor Jesus tem paz. Seus sofrimentos terminaram; Sua agonia e tentações e a Sua morte são do passado, para sempre; e Ele ressurgiu dentre os mortos e foi levado ao trono de Deus, onde Ele entrou possuindo uma paz, e é no gozo dessa eterna paz que Sua alma brilha. É a mesma paz que Ele tem dado a nós. Assim como não há mais ira, nenhuma maldição, nenhum juízo sobre Ele, nada disso existe mais também contra nós. Ali, no meio do trono, está a nossa Paz, o *“Cordeiro como tinha sido morto”* (Apocalipse 5.6).

Que as almas ansiosas e atribuladas deixem de olhar para si e olhem para Cristo e vejam nEle a paz já alcançada, Ele mesmo sendo a nossa Paz, assim como Ele é nossa Vida e Esperança.

“E o sacerdote queimará tudo isso sobre o altar: é manjar da oferta queimada ao Senhor” (Levítico 3.11). A palavra aqui usada para *“queimar”* não é a que expressa *“juízo”*, mas simplesmente *“fazer subir”* (ou ascender), e é aplicável à fragrância que era liberada numa queima, como na queima do incenso, por exemplo.

Em relação à expressão *“manjar da oferta”*, vamos para Malaquias 1.7, onde temos não somente o *“pão do Senhor”*, mas também a *“mesa do Senhor”*. O altar era o lugar onde Jeová era satisfeito e o que se punha sobre o altar era a Sua *“comida”*. Era a gordura do sacrifício pacífico, junto com a das outras ofertas que mantinha o fogo continuamente aceso sobre o altar.

Nós, assim, aprendemos que a fragrância da obra de Cristo está continuamente diante de Deus. Deus nunca a esquece. Nós podemos esquecê-la. Nós é que precisamos ser lembrados dela, mas o fogo nunca se apaga no altar de Jeová. Confiado ao homem, o fogo talvez se apagasse, mas isto era contrário à vontade de Deus. Deus nunca se esquece do suave aroma da obediência do Seu Filho até à morte.

Já estivemos mencionando também os diferentes tipos de animais que poderiam ser usados nas ofertas. Estas distinções são comuns a todas elas.

“Estatuto perpétuo será durante as vossas gerações, em todas as vossas moradas: gordura nenhuma nem sangue jamais comereis” (v. 17). Porque Deus proibiu comer sangue? A razão é dada em Levítico 17.11.

Será que Deus queria tirar deles tudo o que fosse bom para eles? Certamente que não. Isso é o que Satanás insinuou com relação à árvore do conhecimento do bem e do mal. Seria, então, uma simples e arbitrária proibição? Também não. É como se o Senhor tivesse dito: “Eu tenho um outro propósito para o sangue; um propósito mais necessário para vocês do que o sustento da vida. Eu o reservei para ser posto sobre o altar por vocês, de forma que Eu pudesse fazer expiação pelas suas almas”. Era, portanto, para uma plena bênção que eles foram proibidos de comer sangue.

A mesma coisa se aplica à gordura. Deus proibiu por que não queria que eles pudessem aproveitar o “melhor”? Ou era uma proibição simplesmente arbitrária? Não, nenhum dos casos mostra a maneira com que Deus age. A gordura, representando o melhor, era de Deus por direito. E para que Ele a havia consagrado? Deus separou a gordura para estar sobre o altar, e ali ascender como um aroma suave até Ele, e um aroma suave que causaria a aceitação do povo.

Portanto, assim como o sangue, tudo foi por amor. Isto mostra o desejo de Deus pelo bem-estar do povo, pelo melhor para eles em cada questão, e mostra a Sua providência de acordo com Sua infinita sabedoria e amor.

E o mesmo Deus faz a mesma coisa por você e por mim. Sua graça foi derramada abundantemente sobre nós, *“com toda sabedoria e prudência”* (Efésios 1.8). Que nós nunca deixemos alguma proibição feita por Deus parecer uma simples imposição autoritária, fazendo-nos questionar o Seu amor!

A cruz de Cristo é a resposta para qualquer dúvida. Quaisquer que sejam Seus caminhos para nós, que os nossos corações sempre descansem neste fato, na infinita sabedoria, no amor que não poupou Seu amado Filho, no poder que não conhece limites, sabendo que tudo isto é como um *“cordão de três dobras”* trabalhando em nosso favor. *“Se Deus é por nós, quem será contra nós”?*

Agora, quero que você esteja olhando, junto comigo, para o que é chamado de *“a lei da oferta pacífica”*, em Levítico 7.11-18. Tenha em mente o verso que nós lemos em Malaquias 1.7. Aqui temos, outra vez, o duplo pensamento do altar e da mesa. Vejamos quão vasta é a distinção entre estas duas palavras.

Se você entrar em uma igreja católica romana, você encontrará no final do prédio o que é chamado por alguns de *“a mesa da comunhão”* e, por outros, de *“altar”*. Os elementos postos sobre o altar, por algum processo misterioso (segundo eles), são *“transubstanciados”* e se tornam o *“sacrifício”*; se temos o *“altar”* e o *“sacrifício”*, então quem o ministra é o *“sacerdote”*. As três coisas andam juntas; cada uma

necessariamente implica na outra. Assim o altar e a mesa são misturados.

Mas esta confusão entre o altar e a mesa indica um profundo erro fundamental, uma heresia satânica, que eu gostaria de mostrar de maneira clara.

Vimos, anteriormente, que aquilo que vem sobre o altar é o “*manjar de Deus*”; portanto, representa somente a Cristo, Sua Pessoa e Seu sacrifício consumado. Mas, deixando o altar, nós vemos o ofertante carregando consigo algumas porções da mesma oferta, da qual as entranhas, a gordura, etc., ascenderam como um aroma suave a Jeová. Ele busca uma mesa e se senta para comer, ele e sua família, e qualquer pessoa limpa que ele tiver convidado para participar da comunhão da mesa.

Esta é a mesa da comunhão com Jeová, pois Jeová já teve a Sua porção reservada sobre o altar; o sacerdote também, representando o Filho de Deus, já teve sua porção, e agora o ofertante e seus acompanhantes podem ter a sua parte para comer sobre a mesa. A mesa, portanto, não é o altar, apesar de intimamente ligada a ele e suprida por ele.

A mesa é o lugar onde Jeová chama os Seus remidos para se alimentarem em comunhão com Ele daquilo que já O satisfaz. O altar nos leva ao Calvário, o lugar da morte pelo pecado. A mesa pode ser usada quantas vezes quisermos.

Cada vez que nos reunimos em comunhão com Deus, e uns com os outros, para alimentar nossas almas dEle, a nossa Paz, para nos deleitarmos nEle, na glória e na beleza da Sua Pessoa e caráter, e na eficácia de Sua morte expiatória e de Sua intercessão por nós; ao tomarmos do pão e bebermos do cálice em memória dEle, nós estamos à mesa – a mesa da comunhão.

Vamos ver, relacionado a isso, o que diz Hebreus 13.10: “*Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo*”. Notem como é importante ler as Escrituras de maneira acurada e cautelosa. Este verso tem sido usado, talvez por alguns de nós, como se dissesse “temos um altar **no qual** não têm direito de comer...”. Mas perceba que o verso diz “**do qual**”. Os israelitas não se sentavam e comiam no altar. Não existe tal ideia na Escritura. Eles sentavam-se para comer à mesa, suprida pelo altar. Eles comiam algumas porções do mesmo sacrifício que fora imolado sobre o altar, e do qual o sangue e a gordura já haviam sido apresentados a Jeová. Repito, portanto, o altar e a mesa são distintos.

“*Temos um altar **do qual** não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo*”. Aqueles que ainda permanecem sob a lei, com suas ofertas que nunca poderão expiar os pecados, com um sacerdócio

humano, com ordenanças carnis, por fazê-lo, rejeitam a Cristo, diante do qual todas as sombras são passado. Estes não têm direito à mesa da comunhão, conseguido pela fé no sangue de Cristo, e somente no sangue de Cristo.

Debaixo de “maldição”, eles não têm nenhum direito ao lugar dos filhos. Cristo é o nosso Altar, e Sacrifício, e Sacerdote. Tudo o que Ele é e tudo o que Ele tem é nosso para nos alimentarmos à mesa da comunhão. “*Temos um altar*”, não na porta do tabernáculo, não no templo, não em recintos sagrados feitos por homens, mas no monte do Calvário, fora da porta da cidade. Ali Deus encontrou o Aroma suave no qual tem o Seu deleite, e para compartilhar a Sua alegria em se alimentar do “*Pão do Senhor*” – o “*Pão da vida*” – Ele nos chama à comunhão. Para bebermos do Seu rio, para usufruirmos o que Ele usufrui, para comermos e sermos satisfeitos com o que O satisfaz. E Deus poderia fazer melhor por nós? Absolutamente, não.

Nós deveríamos querer mais das excelências de Cristo, mais da Sua sabedoria, amor e poder existentes em nossas almas pelo Santo Espírito. Isto faria com que fôssemos cristãos melhores do que somos; isso nos separaria do mundo e de seus caminhos, nos uniria no amor divino, e nos daria vitória contra o pecado e contra Satanás.

Agora vamos para 1^a Coríntios 10.15-21. Idolatria não é o que muitos supõem. Não é meramente um pedaço de madeira, de pedra, ou de metal; num primeiro momento, parece que é apenas isto; parece **a nós** que é apenas isto. Mas isto representa nas mentes dos não cristãos alguns aspectos do caráter de Deus, apresentados falsamente por Satanás às mentes ignorantes e sem base alguma. Uma destas feições, a mais comum nos ídolos, é a **crueldade**. Esta é a ideia que Satanás tem posto no coração do homem sobre Deus: que Ele é cruel. Isto é tudo o que ele quer que nós pensemos, que Deus é ruim, que Ele é tudo, menos amor.

Os ídolos do paganismo, cruéis, monstruosos e abomináveis, são todos uma “incorporação” dos mentirosos pensamentos de Satã quanto ao que Deus é, instalados por ele e por seus demônios nas mentes humanas por meio de falsos ensinamentos (veja 1^a Timóteo 4.1). Desta forma, o que é oferecido a um ídolo, na verdade é oferecido a demônios. São ofertas ao pai da mentira, ao deus deste mundo. Idolatria, portanto, é um terrível ultraje feito contra Deus. Então, qual é o ensino aqui? Não é este? “Se um de nós sentar-se à mesa dos idólatras, comer com eles um sacrifício oferecido a um ídolo, apesar de nós sabermos que esse ídolo não é nada no mundo, nos tornamos uma pedra de tropeço para o idólatra ao nosso lado; nós o levamos a prosseguir no pecado; estamos tendo comunhão com ele numa mesa que é suprida pelo altar de um ídolo, e isto é ter comunhão com um demônio”. Ouça o mandamento

divino: *“Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor”*, pois *“que comunhão pode haver entre o santuário de Deus e os ídolos?”* (2ª Coríntios 6.16,17).

Deus não quer que Seus filhos sequer pareçam estar em comunhão com o mundo nos seus maus caminhos. Deus não quer que um santo Seu entre num lugar consagrado à dissolução. O princípio da passagem de 1ª Coríntios 10 é separação. Deus nos dê o entendimento quanto à natureza da separação e da comunhão à qual somos chamados. A separação não é como a dos fariseus, ou de um monge, mas separação para Deus e separação de tudo o que é incompatível com a comunhão da Sua mesa. Deus não quer que tenhamos o pensamento farisaico que define “comunhão” como sendo certo número de filhos de Deus com a mesma opinião em certas questões doutrinárias. Tal ideia nunca veio da Sua Palavra. A comunhão a que fomos chamados é a que existe entre o Pai e o Filho e com qualquer um que ama ao Senhor Jesus e está caminhando na luz, com este nós temos comunhão. Que Deus nos mostre quão longe alguns dentre nós temos insensivelmente estado da simplicidade que existe em Cristo.

A *“lei das ofertas pacíficas”* (veja Levítico 7.11 em diante) a encontramos associada especialmente com ações de graça. Esta é a característica básica deste tipo de oferta. Por exemplo, vejamos Salmo 27.6: *“Agora será exaltada a minha cabeça acima dos inimigos que me cercam. No seu tabernáculo oferecerei sacrifícios de júbilo”*. Vejamos também o Salmo 54.6,7: *“Oferecer-Te-ei voluntariamente sacrifícios; louvarei o Teu nome, ó Senhor, porque é bom. Pois me livrou de todas as tribulações”*. Ainda em Jonas 2.9: *“Com a voz do agradecimento, eu Te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação!”*.

Estas passagens são suficientes para mostrar que agrada a Jeová não somente receber ações de graça por misericórdias concedidas e bênçãos dadas, mas também ter comunhão com o Seu povo em suas alegrias. E também em suas aflições e em suas tristezas. É reconfortante e encorajador saber na hora da provação que nós podemos invocar a um Deus como este.

Mas, quantas vezes, nos momentos de triunfo, não lembramos da amizade e simpatia do Senhor como nos lembramos nos momentos de dificuldade? E foi para ocasiões como estas, de alegria, que a oferta pacífica foi instituída. E é importante o fato de que, no caso de ações de graça, a oferta deveria ser comida no mesmo *“dia do seu oferecimento”* (v. 15), nada se deixaria dela até a manhã.

Assim, a mesa onde havia o júbilo da comunhão com Jeová sempre ficava íntima e inseparavelmente ligada à morte do sacrifício. Todas as bênçãos da comunhão com Deus – *“a comunhão do Santo Espírito”* – são baseadas na morte do Senhor Jesus, e é o desejo de Deus que nós, em

nossas vidas, mantenhamos sempre esta conexão entre alegria espiritual e a morte expiatória de Quem é a “*nossa Paz*”.

Podemos ver quão instrutivo isto se torna aplicando este pensamento, por exemplo, à Ceia da nova dispensação. Usando a expressão original de 1ª Coríntios 10.16, “*o cálice da bênção que abençoamos*”, ou “*o qual nós bendizemos*”, ou “*pelo qual nós damos graças*”, alguns têm chamado a ceia do Senhor de “eucaristia”. Seria um dos nomes mais apropriados, se não tivesse sido, como muitas outras coisas boas, tão terrivelmente abusado.

É inquestionável o fato de que ações de graça e louvores são as coisas mais apropriadas a esta ocasião. Celebrada desde o princípio “*no primeiro dia da semana*” (Atos 20.7), esta é uma ocasião de alegria triunfante, onde temos em mente a iminente vinda do Senhor. Ela é, essencialmente, uma ceia de comunhão com o Senhor na celebração de Sua ressurreição. Mas exatamente por ser uma ceia de júbilo, ela está ligada com a cruz de Cristo, e os alimentos usados – o pão e vinho repartidos – são uma figura da morte do Senhor Jesus. Nossas almas são levadas ao Calvário em memória dAquele que morreu por causa do Seu amor por nós.

A alma é irresistivelmente atraída ao Calvário, conforme cantamos:

*“Pelo Calvário, Senhor, em espírito, agora,
Restaura nossas almas abatidas
Para viver por Seu amor sacrificial
E poder provar sua doçura”.*

Deus não quer que pensemos, como o homem, que a horrível morte na qual toda a nossa alegria e paz estão baseadas, ocorreu há quase 20 séculos atrás, mas sim que pensemos como Ele, lembrando dela como se tivesse acontecido hoje ou, no máximo, ontem. É como alguém já disse: “A fé não conhece um ‘ontem’ além da cruz, e não conhece um ‘amanhã’ além da glória”. “*Jesus Cristo é o mesmo ontem*”, na cruz, “*hoje*” no trono, “*e para sempre*”, quando nos receber para Si mesmo. Para Deus não existe passado, presente ou futuro. Tudo está num tempo eterno. Jesus era o Cordeiro imolado quando Deus aceitou a oferta de Abel e honrou a sua fé e, hoje, Jesus é o Cordeiro imolado quando Deus aceita e honra a fé de qualquer um que confiar nEle.

O Cristo que morreu por mim ontem na cruz, virá para mim amanhã para me levar para Sua glória – este é o pensamento que Deus quer que tenhamos em nossas vidas. Se todos nós tivéssemos isto em mente, quão real seria nossa comunhão com o Pai e com o Filho e, em proporção a esta comunhão, seria a realidade e seriam as bênçãos da comunhão “*uns com os outros*”.

Concluindo, agora devemos olhar para um aspecto muito solene desta oferta. Ela está relacionada com alegria e com ações de graça, mas só podiam se tornar participantes dela aqueles que estivessem cerimonialmente puros (v. 20 e 21). Está escrito: *“Sede santos, porque Eu sou santo”*. Um Deus santo só pode ter comunhão com um povo santo.

Deus não está aqui considerando a impureza externa. Paulo escreveu: *“Estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma impura”* (Romanos 14.14). O próprio Senhor Jesus disse em resposta aos fariseus: *“O comer sem lavar as mãos, não contamina o homem”* (Mateus 15.20). O que então o contamina? É o **pecado na consciência**. Deus não pode ter comunhão com alguém cujo coração não está livre de uma má consciência.

Isto quer dizer que a pessoa impura seria permanentemente impossibilitada de trazer uma oferta pacífica? Certamente, não. Mas ele deveria usar a maneira dada por Deus para remover a impureza. Deveria lavar suas roupas e banhar-se em água e, em alguns casos, trazer uma oferta pelo seu pecado; depois de cumprir isto, em acordo com a prescrição divina, ele poderia trazer a sua oferta pacífica e comer da ceia de comunhão.

A primeira exigência de Deus é que tenhamos uma consciência purificada. Deus não pode aceitar o louvor, o serviço, ou ter comunhão na alegria de quem tem uma consciência impura. Sob a lei, o homem que fosse culpado de comer do sacrifício pacífico, confessando assim comunhão com Jeová, mas tendo impureza em si, deveria ser eliminado do povo.

Não é assim sob a graça, exceto em algumas formas especiais de pecado, por causa dos quais o pecador deve ser retirado da comunhão dos santos. Mas as exigências de Deus são as mesmas, Sua santidade é imutável, não obstante o fato de Seus caminhos em graça serem diferentes de Seus atos sob a lei.

Quando o pecado é alojado na consciência, sem ser julgado, confessado ou purificado, Deus corta a comunhão dEle mesmo com esta pessoa. O Espírito Santo ofendido cessa de revelar mais de Cristo e a consciência cauterizada acaba causando um coração que entra na névoa da incredulidade e distância de Deus.

É na luz, e em nenhum outro lugar, onde o pecado é detectado e julgado, onde o sangue de Jesus é visto em todo o seu poder purificador, que a comunhão pode ser gozada. *“Se, porém, andarmos na luz, como Ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado”* (1ª João 1.7).

.oOo.

CRISTO, A OFERTA DE MANJARES

Vejamos, agora, o segundo capítulo do livro de Levítico. A oferta de manjares era, na verdade, uma refeição feita com farinha finíssima, chamada de flor de farinha, oferecida sobre o altar.

No verso 2 nós lemos: *“Levá-la-á aos filhos de Arão, os sacerdotes, um dos quais tomará dela um punhado da flor de farinha, e do seu azeite com todo o seu incenso, e os queimarão como porção memorial sobre o altar: é oferta queimada, de aroma agradável ao Senhor”*. Como já vimos, o aroma chamado nas Escrituras de *“agradável”* ou *“suave”* significa, literalmente, um *“aroma de descanso”*.

No verso 4 podemos ler: *“Quando trouxeres oferta de manjares, cozida no forno, será de bolos asmos de flor de farinha, amassados com azeite, e obreias asmas untadas com azeite”*. A palavra *“bolos”* significa literalmente bolos que eram furados. Também lemos de *“obreias”* ou *“coscorões”*, cuja palavra no original deriva da palavra que traduz *“afinar”*, *“tornar fino”*. Eram bolos que eram rolados até ficarem bem delgados. Seja no caso dos bolos furados, ou das obreias roladas até ficarem finas, ambos os processos implicam ou indicam sofrimento.

No verso 12 é feita uma menção sobre a *“oferta das primícias”*, que não era posta sobre o altar. *“Trareis ao Senhor por oferta das primícias; todavia não se porão sobre o altar como aroma agradável”*. Veremos, mais tarde, ao que isto se refere.

Leiamos agora o capítulo 6, verso 14 em diante: *“Esta é a lei da oferta de manjares: os filhos de Arão a oferecerão perante o Senhor diante do altar”*.

As ofertas que nós já estivemos estudando (oferta pelo pecado e pela culpa, a oferta pacífica e o holocausto) mostram de maneira mais especial a obra expiatória de Cristo. Mostram-nos Sua perfeição e a apreciação da parte de Deus e na oferta pacífica nós vimos como o ofertante, o sacerdote e Jeová, cada um tinha a sua porção, o que faz aquela oferta tipificar a *“comunhão”*.

Mas nesta, não é mais o aspecto expiatório da obra de Cristo que é trazido diante de nós, mas sim a Pessoa e o caráter de Cristo. Esta oferta nos dá um novo aspecto, uma nova linha de pensamento concernente àquele que deu-Se a Si mesmo a Deus por nós.

Note também que uma porção memorial era tomada da oferta, queimada sobre o altar e oferecida a Jeová. Um dos sacerdotes tirava

“um punhado de flor de farinha da oferta de manjares com seu azeite, e todo o incenso que está sobre a oferta de manjares” (v. 15) e queimava sobre o altar. O resto da oferta de manjares era para Arão e para seus filhos. Era para a família sacerdotal. Sobre o significado disto, eu desejo dizer algumas palavras. Hoje, o povo do Senhor é todo de israelitas, por assim dizer; ou seja, é um povo todo redimido. São todos descendência de Abraão pela fé em Cristo Jesus.

Além disso, são todos levitas, porque os levitas eram uma tribo separada para o serviço a Jeová e, hoje, não mais existe esta distinção, esta classe separada de levitas ou clérigos. Cada crente é um levita, para servir na sua esfera particular, de acordo com seus dons e habilidades particulares.

A casa de Arão era separada dentre a tribo de Levi para o serviço especial do Senhor no altar mas, hoje, todos são da *“casa de Arão”*, pois várias vezes nós lemos que Ele *“nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai”* (Apocalipse 1.6). Nós somos um *“sacerdócio real”*, um *“sacerdócio santo”* para oferecer sacrifícios espirituais, e para *“proclamar as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz”* (1ª Pedro 2.9).

Portanto, sendo todo o povo de Deus redimido, são todos israelitas; chamados para servir a Ele e, por isso, são todos levitas; chamados para adorar a Ele dentro do véu e, assim, são também sacerdotes.

Mas existe uma diferença prática. Apesar de todos estarem na mesma posição diante de Deus, nem todos apreendem o que são, de fato. Existem alguns que sabem apenas que são pecadores redimidos – uma bênção já maravilhosa demais para todos nós. Outros, sabem que são, além de pecadores salvos, pessoas chamadas para servir ao Senhor, e procuram servir a Ele de acordo com Sua Palavra. E há outros, ainda, que sabem um pouco mais; sabem que Cristo é a sua porção, sabem que são adoradores, sabem que têm o privilégio de adentrar o véu, aproximando-se, e ali permanecer sempre na presença do Senhor.

Estes vivem a experiência da família sacerdotal que não eram apenas israelitas redimidos, não apenas serviam no tabernáculo, mas ministravam no altar em favor de outros, entravam no lugar santo e contemplavam glórias que outros olhos jamais viam.

O Espírito Santo nos guiará a todos aos profundos privilégios que, pela graça, são a herança de cada filho de Deus, desde que nós permitamos. Não há razão para que o crente não usufrua plenamente dos privilégios que pertencem ao povo e que é um sacerdócio real. A oferta de manjares era, quase totalmente, para os sacerdotes, a casa de Arão. Arão e seus filhos são mencionados muitas vezes juntos, representando Cristo e a Igreja.

Mas nem todos os que compõem o sacerdócio real adentram, ou seja, apreciam o aspecto da verdade que é encontrado na oferta de manjares. Esta verdade não pode ser usufruída independentemente da comunhão com Deus, da meditação na Sua palavra, do ensino e iluminação do Santo Espírito. Ela apresenta a nós a beleza e a perfeição do caráter de Cristo, assim visto e estimado por Deus. E, note, apenas um memorial da oferta era posto sobre o altar. Ela era dada quase em sua totalidade para ser a porção da família sacerdotal, para ser o seu alimento. E, portanto, ela representa Cristo, dado por Deus a nós.

As verdades escondidas nestas ofertas são exatamente as mesmas que nós encontramos na Ceia do Senhor. Ali, nós temos o pão, sobre o qual Jesus disse: *“Este é o Meu corpo, dado em favor de vós”*; e nós temos o cálice contendo o fruto da videira sobre o qual Jesus disse: *“Este é o Meu sangue derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”*.

Assim como o pão e o vinho sobre a mesa nos falam de Cristo em Sua morte expiatória, fazendo a propiciação por Seu povo, assim também a mesma linha de ensino simbólico existe nas ofertas do livro de Levítico. A diferença é que, estando ainda debaixo da lei, o sacrifício era morto; mas, na graça, o que é feito é um memorial da morte que já ocorreu. Nós não lemos sobre nada que devemos fazer morrer na nova dispensação, a não ser a nossa natureza corrupta, que já foi crucificada e deve ser mortificada. Agora que a Oferta já foi feita e aceita, agora que a obra está consumada, não há mais nada que deve ser morto para nossa aproximação a Deus. Nós nos aproximamos baseados naquela morte que foi perfeita para sempre.

A oferta de manjares, portanto, nos mostra Cristo, na perfeição do Seu caráter, não apenas dado a Deus por nós, tipificado pelo punhado posto sobre o altar, mas também dado por Deus a nós.

O holocausto era oferecido totalmente sobre o altar. Era a entrega total de Cristo a Deus; mas aqui nós temos Cristo sendo dado por Deus a nós como nosso alimento.

Esta santa comida sacerdotal é dada para nos fortalecer o homem interior para que, como testemunhas aqui, possamos nos tornar cada vez mais à semelhança do grande Sumo Sacerdote e, crescendo na graça e no conhecimento dEle, estejamos aptos a mostrar as Suas virtudes. Assim nós teremos Cristo não apenas em nós, mas sobre nós. Não apenas Cristo em nossos corações, onde Deus pode ver que Ele é o objeto de nossas afeições, mas Cristo tão manifesto em nossas vidas que todo olho poderá ver que nós pertencemos a Ele por causa da nossa semelhança com Ele.

Esta oferta, portanto, traz diante de nós a grande verdade da **santificação**. Vamos, agora, olhar para os seus detalhes.

O principal ingrediente da oferta de manjares, como já foi visto, era farinha finíssima. E, na Bíblia, o trigo é o principal alimento humano. Mas, nesta oferta, não vemos meramente o trigo espiga ou o trigo malhado pela mão humana. Vemos aqui, distinções entre os tipos de trigo, assim como vimos distinções entre os vários animais nas outras ofertas. Havia o novilho, o carneiro, e o cordeiro; aqui nós temos outras distinções, mas, de maneira geral, o trigo é mencionado moído entre as pedras de moinho até estar muito fino. Este processo nos fala, inequivocamente, de sofrimento. Não podemos imaginar nada mais indicativo de sofrimento do que ser moído entre duas pedras de moinho; e aqui jaz a glória do caráter de Cristo: o sofrimento só fez aparecer a Sua perfeição. Quanto mais Ele foi pressionado, tentado, esbofeteado, contradito – quanto mais foi testado no fogo – mais a Sua perfeição se tornou evidente. Este é o extremo oposto do que ocorre conosco; um pequeno teste já mostra toda a nossa imperfeição.

Nenhum homem jamais existiu entre os homens que se compare com Cristo; mesmo os infiéis e que estão longe de Deus admitem que nenhum caráter humano se compara ao de Jesus de Nazaré. Manuseando farinha fina nós podemos ver como ela não produz resistência; quão perfeitamente ela cede à pressão; não há nenhum grão ou pedregulho nela, nada que machuque. Ela adquire a forma que quisermos que ela tenha. Pode-se dar a ela a forma de um pão, ou de um bolo que pode ser perfurado, ou você pode rolar a massa sobre si mesma até que ela fique fina, que não haverá nenhuma resistência.

Tudo isto nos fala dEle, que foi absoluta e perfeitamente a representação da vontade de Deus. Havia resistência sim, do poder soberano contra o mal; mas não havia nenhuma resistência contra a mão modeladora de Deus. No sofrimento, nós nos rebelamos, resistimos, brigamos; mas nada disso havia nEle, que é simbolizado pela farinha finíssima da preciosa oferta de manjares.

A palavra hebraica para “moído” é da mesma raiz da palavra que encontramos na passagem que diz que o Senhor formou o homem do “pó da terra”. Ela significa, como no português, pulverizado, moído até o pó, triturado e quebrado até adquirir uma forma produtiva. E esse processo de moedura é um processo de sofrimento. Qualquer um dos processos agrícolas, seja arar a terra com o arado ou com a enxada, nos fala de sofrimento.

No grego, a mesma palavra é usada para a pressão física e para a aflição (pressão) mental ou espiritual. A adubação nos fala tanto de sofrimento como de vergonha. Cada um destes processos agrícolas implica em sofrimento e este é o único método pelo qual Deus pode nos tornar frutíferos. É por meio da quebra da resistência das nossas

orgulhosas e obstinadas vontades que somos trazidos para a obediência a Cristo.

Não havia necessidade de nenhuma disciplina como esta na vida do Senhor Jesus. Ele foi prefigurado pelo novilho sobre o qual nunca havia sido posto algum jugo. Ele nunca precisou de correção ou de repreensão, mas se submeteu voluntariamente em perfeita obediência a Deus. Ele *“ofereceu as costas aos que O feriam, e as faces aos que Lhe arrancavam os cabelos”* (Isaías 50.6). *“Ele foi levado como cordeiro ao matadouro”* (Isaías 53.7). Ele, sem nenhuma resistência, se dirigiu ao Calvário em obediência voluntária e em amor ao Pai.

É meditando nos quatro evangelhos que podemos estar vendo melhor a perfeição do caráter de Cristo. Coloquemo-nos ao Seu lado. O que teríamos nós feito em tais circunstâncias? Pensando assim, os melhores dos melhores de nós estariam profundamente convictos da sua imperfeição e se humilhariam perante Deus.

Prosseguindo, a flor de farinha deveria ser misturada com azeite. Por toda a Escritura, o azeite (ou óleo) é um tipo do Espírito Santo. A palavra *“Messias”*, do hebraico, significa *“escolhido”*. No grego, a palavra *“Cristo”* tem o mesmo sentido. Duas passagens servirão para nos mostrar a relação entre o Santo Espírito e o Senhor Jesus.

Lucas 1.35: *“O anjo disse a Maria: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso também o Ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus”*. Isto é o que representa a flor de farinha misturada com o azeite. Em Atos 10.38 lemos *“como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele”*.

Leiamos também Lucas 3.21,22 e 4.1.

No trecho de Levítico, capítulo 2, lemos da *“flor de farinha amassada com azeite”* (v. 5), e dos *“bolos [perfurados] ungidos com azeite”*. *“Amassado”* e *“ungido”* com azeite: duas ações distintas do Espírito Santo.

O Senhor Jesus em todas as Suas palavras e caminhos, em Seu proceder e serviço, foi a perfeita expressão do que é uma plena direção do Espírito Santo e, se o mesmo Espírito está guiando a mim ou a você, nos instruindo e lapidando, o resultado será bem parecido: uma vida em nós similar à vida de Jesus e um ministério que segue o Seu exemplo.

A massa amassada com azeite e os bolos ungidos com azeite representam para nós, como já vimos, a operação do Espírito na vida do Senhor Jesus, manifestando nEle, perfeitamente, em Seu caráter e em Suas atitudes, a mente de Deus. E não poderá haver nenhum atributo de Cristo manifestado em nós a não ser pelo poder do Espírito Santo.

Nós também somos nascidos do Espírito e escolhidos no Espírito, e somos dependentes do Seu trabalho para termos qualquer traço da beleza do Senhor Jesus. Sem a Sua obra, nós nos manteremos à semelhança de Adão – na pobre, caída, arruinada e corrupta natureza humana. Deus *“nos predestinou para sermos conformes à imagem de Seu Filho”* (Romanos 8.29) e esse propósito do coração de Deus é efetuado pela ação do Espírito.

O próximo ingrediente da oferta de manjares era o sal (2.13). O *“sal da aliança”* não deveria jamais ser esquecido. Em Colossenses 4.6 lemos *“a vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal”*. Há duas coisas mencionadas juntas várias vezes em o Novo Testamento que podem nos dar luz sobre esta passagem: *“graça e verdade”*. Em João 1.17 lemos, *“a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”* (veja também o verso 14). Não apenas graça, não apenas verdade, mas as duas, combinadas de maneira perfeita. A flor de farinha com o óleo é a graça, perfeita graça, mas o sal, pelo seu poder de preservar a carne, prevenindo a sua corrupção, representa a verdade.

E este fato nós podemos enxergar quão preciosamente foi real no Senhor Jesus. NEle havia a perfeita graça, era de fácil acesso aos homens, crianças não tinham medo dEle. Ele as tomava nos Seus braços de amor e as abençoava; o pobre pecador era bem-vindo aos Seus pés e ali encontrava bênção. Ninguém jamais chegou a Ele, com fé, e foi repellido; Ele era *“cheio de graça”*. Apesar disso, o *“tempero”* da verdade nunca faltou. Suas palavras às vezes eram penetrantes como espadas. Quando Pedro, em sua natural fraqueza, foi um instrumento de Satanás para tentar ao Senhor, a Sua resposta, *“arreda, Satanás”*, mostrou que o sal não estava faltando. Sempre que a corrupção se aproximava dEle, por assim dizer, era logo confrontada com o sal da verdade em todo o seu poder preservativo.

Por nos alimentarmos de Cristo, nós também nos tornamos um povo gracioso, pela vontade de Deus. *“Nos Teus lábios se extravasou a graça”* (Salmo 45.2), por isso, pela comunhão com Ele, nossos lábios serão cheios de graça.

Em Colossenses 3.12-15 nós vemos características que devemos alcançar. São todas provas de abundante graça. Então, no verso 16, vemos a outra parte. *“Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria”*. Assim, a graça foi temperada com a verdade. Que os nossos lábios sejam como os dEle, cheios de graça, *“que gotejam mirra preciosa”* (Cantares 5.13), sem nos esquecermos do sal, que nos santificará de qualquer tipo de mal, para não sermos *“cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprová-las”*.

E, lembremos sempre, não é apenas o mundo em que estamos que é corrupto. **Nós temos corrupção dentro de nós e, por isso, precisamos ter sal em nós mesmos.** Precisamos de que tanto a verdade quanto a graça de Deus entrem no mais íntimo do nosso ser para ali encontrar e aniquilar a corrupção existente. Nada impede a corrupção como o sal. Se a água do mar não fosse salgada, com tanta poluição sendo ali descarregada pelo homem, o mar logo estaria cheirando mal. No entanto, o sal preserva o mar ainda saudável. Assim devem ser nossas vidas, bem temperadas com sal a ponto de ser vencida toda a corrupção.

O Senhor da glória foi convidado para jantar na casa de um pecador. Cheio de graça, Ele foi. Mas, ao chegar, vê os convidados, num orgulho egoísta, tomando para si os lugares mais honrados, e imediatamente a verdade se manifesta, penetrante – *“aquele que se humilha será exaltado; e aquele que se exalta será humilhado”*. Deus quer que tenhamos em nós a verdade, mas não sem o azeite. Deve ser a verdade na unção do Espírito e não na energia da carne. Nas mãos da carne, a verdade se torna uma arma para quebrar cabeças e cortar orelhas! O que isto quer dizer? A verdade é falada, mas de forma tão áspera que os ouvintes, ao invés de a tomarem para si, fecham seus ouvidos e se negam a ouvi-la de novo.

A própria verdade de Deus, usada pela carne, pode-se tornar uma cunha que dividirá os santos. Mas a verdade, em graça e no poder do Espírito, edifica, “ajunta” os santos entre si e os santifica.

O próximo ingrediente da lista é o incenso (Levítico 2.15,16). Todo o incenso era do Senhor Jeová e era queimado junto com a porção memorial da oferta, sobre o altar. A esse respeito, lembremos o que vimos acerca da gordura na oferta pacífica. O incenso representa o **melhor**, representa tudo o que era mais precioso e de aroma agradável a Deus no caráter de Seu Filho.

Existem certos aspectos do caráter perfeito de Cristo, humano e divino, que nós nunca poderemos compartilhar – que nenhum olho, além do olho de Deus, pode ver e nenhum coração, além do Seu, pode apreciar.

Tudo o que era colocado sobre o altar era um memorial: um memorial de Cristo, dado por Deus a nós, e dado a Deus por nossa causa; um memorial que trazia diante de Deus toda a perfeição de Cristo oferecida a nós, tal que enquanto os filhos de Arão comiam a sua porção sacerdotal diante de Deus, o incenso queimava sobre o altar e toda a sua fragrância ascendia em aroma suave em seu favor.

Quando nos alimentamos de Cristo, fazemos dEle a nossa porção, no segredo de nossas próprias almas ou na comunhão coletiva à Sua mesa e é uma bênção saber que Deus também se delicia com esta

“refeição”. Cristo é o “*Pão de Deus*”, assim como é o “*Pão da vida*” para nós, e hoje Ele está diante de Deus num perpétuo memorial de que Ele deu-se a Si mesmo para ser a nossa eterna porção.

Seria bom para nós se cada vez mais entendêssemos e apreciássemos o caráter do Senhor Jesus. Para isto, deveríamos nos inteirar mais do que está escrito nos quatro evangelhos. Alguns de nós, talvez, conhecem muito acerca de profecias, de símbolos, de doutrina e, mesmo assim, sabem muito pouco acerca de Cristo como é apresentado nos evangelhos. É ali que O vemos como a Oferta de manjares e é ali que melhor vamos conhecê-LO em Seu maravilhoso caráter – em perfeição de graça e verdade.

Agora, eu quero falar acerca de coisas que eram especialmente excluídas da oferta de manjares. São duas: a primeira é o fermento e a outra, o mel. Eram duas coisas proibidas de serem postas em qualquer oferta ao Senhor que fosse posta sobre o altar, para ascender pelo fogo (veja Levítico 2.11).

Vamos lembrar que o altar é o lugar da porção de Jeová e o que era posto sobre ele era a Sua “comida”. Portanto, tudo o que era posto sobre o altar tipificava Cristo, e somente Cristo. Nenhum fermento ou mel poderiam estar sobre o altar; nenhum deles poderia ser ofertado a Deus por meio do fogo.

Não é necessário entrar em muitos detalhes sobre o significado do fermento e do mel, mas quero somente mostrar que eles estão intimamente ligados. A fermentação é um processo decompositor que, se prosseguir sem ser parado, causa a corrupção total da massa. Qualquer padeiro pode nos dizer que, se ele deseja acelerar a ação do fermento, nada é melhor do que adicionar um pouco de mel. O mel, com toda a sua doçura, contém a essência da corrupção e, muito rapidamente, acaba por se tornar vinagre.

Há uma doçura de caráter que é divina e há uma doçura que é meramente natural. Há um amor que vem de Deus e há um amor que é unicamente humano. O divino amor não varia, mas procede resolutamente independente do que receberá em retorno. E há uma outra coisa que é amar àqueles que nos amam – um amor egoísta e não genuíno que pode rapidamente se tornar vinagre. É apenas mel, uma doçura natural.

Mas o que é o fermento? O Senhor Jesus avisou os Seus discípulos contra o “*fermento dos fariseus*”, o “*fermento dos saduceus*” e o “*fermento de Herodes*”. Cada um dos três representa uma forma de falsa doutrina. O fermento dos fariseus é a hipocrisia. Lemos também em 1ª Coríntios 5.8 do “*fermento da maldade e da malícia*” e, também, do “*velho fermento*” que devia ser tirado da igreja em Corinto – práticas

pecaminosas da velha vida. Em Gálatas 5 nós encontramos o fermento sendo aplicado a más doutrinas, subversivas à verdade do Evangelho.

Resumindo, o fermento, de Gênesis a Apocalipse, representa tudo aquilo que é mau, corrupto e imundo. E o mel, doce e excelente em sua forma natural, não tem capacidade nenhuma de impedir o fermento; pelo contrário, só serve para acelerar o seu desenvolvimento.

Mas pergunte ao padeiro novamente se o fermento está agindo muito rapidamente, o que pode pará-lo, impedi-lo de prosseguir? Ele nos dirá que nada é tão efetivo para parar o fermento quanto o sal. As Escrituras parecem ser mais científicas do que os críticos modernos pensam!

Por isso o fermento e o mel foram excluídos de qualquer oferta queimada sobre o altar. O que eles simbolizavam não tinha lugar no caráter do imaculado Filho de Deus. Ele era *“santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores”* (Hebreus 7.26) e a graça e o amor, tão abundantemente manifestados, não eram o fraco e volúvel amor humano, mas eram o transbordar da graça e do amor de Deus.

E como isto é importante para nós! Se o amor de Cristo tivesse sido como o mel, há quanto tempo ele já teria se tornado vinagre para mim! Mas, este é o divino amor, temperado com o *“sal da aliança”*, que não muda nem se deteriora. Em Malaquias 1.2 o Senhor diz: *“Eu vos tenho amado”* e em 3.6 Ele diz: *“Porque Eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”*. *“Tendo amado os Seus... amou-os até ao fim”* (João 13.1).

Assim, estes dois ingredientes, tipificando o que é meramente natural e o que é mau foram excluídos das ofertas, e também excluídos da comida providenciada por Jeová para os Seus sacerdotes. A comida sacerdotal é Cristo. Os *“asmos da sinceridade e da verdade”* são encontrados nEle. Deus nos tem dado um bom alimento para nosso sustento. Bom alimento em Cristo; boa comida nas Escrituras, pois cada palavra de Deus é pura. Deus nos dá para nossa satisfação aquilo que também O satisfaz.

No Salmo 78 lemos do povo de Israel querendo comer carne. Com avidez eles comeram até se fartarem, mas não nos é dito que eles ficaram satisfeitos. No entanto, no Salmo 105, verso 40, vemos que o Senhor os *“saciou com o pão do céu”*.

Há um hino que diz:

*“Não há quem me possa satisfazer,
Nenhum outro além de Cristo”.*

Algumas vezes, não conseguimos nos satisfazer de Cristo até que Deus tira as coisas terrenas e carnis nas quais temos estado tentando

achar satisfação. Então, quando a cisterna está quebrada e nós vemos que ali não há água – talvez na doença, ou até mesmo no leito de morte – e nos humilhamos perante Cristo, Ele, na Sua inigualável graça, entra, faz morada e nós descobrimos que nEle há perfeita satisfação.

Há, ainda, um verso que eu quero examinar para concluirmos. É o verso 12, de Levítico 2. *“Deles [fermento e mel] trareis ao Senhor por oferta das primícias; todavia não se porão sobre o altar como aroma agradável”*. Isto se refere à ordenança de Levítico 23.15-17. No verso 10 e 11 lemos de um molho com as primícias da colheita que era oferecido ao Senhor, no *“dia imediato ao sábado”*. Isto se refere ao *“primeiro dia da semana”* e tipifica, portanto, a ressurreição do Senhor. Deste dia em diante, sete semanas seriam contadas, ou seja, 49 dias. No próximo dia, depois do sétimo sábado, ou seja, o quinquagésimo dia – o *“dia de Pentecostes”* – uma *“nova oferta de manjares”* seria apresentada a Jeová, que consistia em dois pães assados **com fermento**. Também eram primícias, mas a palavra traduzida *“primícias”* no verso 17 é diferente da do verso 10. No verso 17, a palavra original tem o sentido de **preeminência**, assim como em Colossenses 1.18, *“primazia”*, primeiro em importância, enquanto que no verso 10 a palavra original significa **primeiro em ordem**, assim como em Tiago 1.18.

O que, então, estes dois pães de primícias, levedados ao serem assados, oferecidos no Pentecostes, representam? Certamente, não representam a Cristo, pois *“nEle não existe pecado algum”*. Mas, *“ao cumprir-se o dia de Pentecostes”*, como nós lemos em Atos 2, uma nova oferta foi trazida ao Senhor. É uma multidão de pecadores redimidos e lavados no sangue do Cordeiro. Vivificados e ungidos pelo Santo Espírito, eles são *“aceitos no Amado”*. Nenhuma oferta pelo pecado foi oferecida junto com o molho do verso 10 – não havia nada nele para ser expiado. Mas, junto com os pães levedados, eram oferecidos *“sete cordeiros sem defeito, de um ano, e um novilho, e dois carneiros”* em holocausto (v. 18), *“um bode para oferta pelo pecado, e dois carneiros de um ano por oferta pacífica”* (v. 19).

Desta forma, vemos claramente que esta nova oferta de manjares representa a Igreja, e **os dois** pães fazem referência, sem dúvida, à sua formação, conforme lemos em Efésios 2.11: *“Para que **dos dois** criasse em Si mesmo um novo homem”*. Os dois pães são uma oferta. E lembremos sempre disto: apesar do fato de a ação do fermento progredir e se intensificar até que toda a massa seja levedada, sua ação é, de uma vez, barrada pelo fogo.

Assim, o mal que é contemplado estando nesta oferta não é pecado em atividade, mas, como Paulo diz, é o *“pecado que habita em mim”* (Romanos 7.17). Aos olhos de Deus, o pecado no crente não é apenas expiado e perdoado, mas ele também é mortificado pelo poder do Santo

Espírito – *“porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus me livrou”* (Romanos 8.2).

Desta maneira, sabendo que o pecado como um princípio, como uma raiz, habita em nós, é só em Cristo Jesus e sobre a base da Sua obra consumada, que nós somos aproximados e aceitos.

Assim, Levítico 2.12 é explicado. Os dois pães não poderiam ser queimados no altar em aroma agradável por causa do fermento que ali estava presente.

Este tema é maravilhoso, muito interessante e instrutivo. Que nós nos aprofundemos cada vez mais no entendimento dele, não num espírito de curiosidade vã, mas numa pesquisa reverente na própria fonte, a Palavra de Deus!

.oOo.